



ACADEMIA MILITAR

Mestrado Integrado em Ciências Militares na especialidade de Cavalaria

Equitação Militar na Academia Militar – Perspetivas dos Mestres e Instrutores

Autor: Aspirante de Cavalaria Francisco Maria Guimarães Dias Amaral Teixeira

Orientador: Major Cav Emanuel Umbelino

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, junho de 2016



ACADEMIA MILITAR

Mestrado Integrado em Ciências Militares na especialidade de Cavalaria

Equitação Militar na Academia Militar – Perspetivas dos Mestres e Instrutores

Autor: Aspirante de Cavalaria Francisco Maria Guimarães Dias Amaral Teixeira

Orientador: Major Cav Emanuel Umbelino

**Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada
Lisboa, junho de 2016**

EPÍGRAFE

O Cavalo é a única tribuna do alto
da qual um chefe pode
dar ao seu discurso o
prestígio que deseja.
(Proelium, 1952)

DEDICATÓRIA

Ao meu pai, pela dedicação, esforço, sacrifício, companheirismo e amor em todos os
momentos da minha vida;
À minha namorada, Marcela, por estares ao meu lado nos bons e maus momentos, pelo
amor que me dedicas e por tudo a que só a nós pertence;
À minha irmã, à família, aos verdadeiros amigos;
Acima de tudo e que nunca sejas esquecida, à minha Mãe.

AGRADECIMENTOS

No âmbito deste trabalho, quero agradecer a todos os que me incentivaram na realização do mesmo e àqueles que me acompanharam ao longo de todo o meu percurso.

Relativamente ao conteúdo propriamente dito que é, no fundo, o cerne da presente investigação quero dirigir um agradecimento especial e sincero ao meu orientador, Major de Cavalaria Emanuel Umbelino pela dedicação, atenção, sabedoria e conhecimento demonstrados em todas as fases da minha vida que tive o gosto de contatar com Este digníssimo e distinto Oficial de Cavalaria.

Quero agradecer também ao nosso Tenente Coronel de Cavalaria Aníbal Marianito pelo auxílio na escolha do tema e pelo encorajamento para a sua consecução.

No que diz respeito à metodologia aplicada, quero agradecer ao nosso Tenente Coronel de Artilharia Pinto da Silva pela forma clara e precisa como me orientou na forma de abordar este tema.

E, por último, mas não menos importante, quero agradecer a todos os entrevistados que se dispuseram de forma bastante prestável e que contribuíram com o seu conhecimento e vasta experiência para a concretização deste trabalho, ao nosso Coronel de Cavalaria Villa de Brito, ao nosso Coronel de Cavalaria Telles Grilo, ao nosso Coronel de Cavalaria Lopes Mateus, ao nosso Coronel Cruz Silva, ao nosso Tenente Coronel de Cavalaria Pombeiro, ao nosso Tenente Coronel de Cavalaria Carmo Costa, ao nosso Tenente Coronel de Cavalaria Gomes da Silva, ao nosso Major de Cavalaria Pedro Carvalho e ao nosso Major Carlos Marques.

RESUMO

No seguimento do Tirocínio para Oficiais formados na Academia Militar, temos como último momento avaliativo o Trabalho de Investigação Aplicada.

Neste âmbito e pertencendo à Arma de Cavalaria vimos a necessidade de expor sobre uma das componentes que a Cavalaria tem na sua panóplia de atribuições, a Equitação, mais propriamente na Academia Militar.

Como tal, temos por base verificar o que cada Mestre e Instrutor de Equitação, que esteve a exercer funções na Academia Militar pensa que serão os objetivos a atingir com a Equitação Militar, nesta mesma instituição de ensino.

Assim, o presente trabalho visa analisar de que forma os vários Mestres e Instrutores de Equitação Militar percecionam o modo de dar instrução na Academia Militar e quais os objetivos que se pretendem atingir.

Não obstante, pretende-se também alertar para o facto de apesar de hoje a Equitação não ser uma exigência operacional, tem valor a nível da instrução, a nível histórico, a nível desportivo e um valor a nível militar operacional que atualmente não o é em efetividade, mas que pode voltar a ser num futuro próximo. Deste modo, devemos manter o “Know-how” de uma forma de combate que não está tão desatualizada como se possa pensar.

Portanto, de forma geral, vamos refletir sobre quais são os objetivos a atingir com a Equitação Militar na Academia Militar, segundo a perspetiva dos Mestres e Instrutores e respetivas mais-valias deste tipo de instrução tão único, que envolve outro ser vivo nas nossas decisões.

Palavras-chave: *Equitação, Militar, Exercito, Oficiais, Cavalaria.*

ABSTRACT

Following the “Tirocínio para Oficiais” formed at the Military Academy, as last moment for evaluation we have an Applied Research Work.

In this context and belonging to the “Arma de Cavalaria” we feel the need to expound one of the components that “Cavalaria” has in its range of powers, riding, more specifically in the Military Academy.

For that, we must check what each Master and Horseback Riding Teacher, who was once worked for the Military Academy thinks about what will be the goals to be achieved through Military riding, right in this same institution.

So, this workshop aims to examine how the various Masters and Military Horseback Riding Instructors get how to instruct at Military Academy and what are the objectives to be achieved .

Nevertheless, it is intended to also claim attention to the fact that although today the riding isn't an operational requirement, it has value on the education level, on the historical level , on the phisical level and value on the military level even though tat isn't on a much operational level, but may return to be in a near future. So we must keep the " know-how " as a way of combat that is not as outdated as you might think.

Therefore, in general, we must reflect on what are the objectives to be achieved through Military Riding at the Military Academy, according to the perspective of the Masters and Instructors and respective gains of this type of education so unique that involves another living being in our decisions .

Keywords: Horseback Riding, Military, Army, Officer, Cavalry.

ÍNDICE GERAL

EPÍGRAFE	ii
DEDICATÓRIA	iii
AGRADECIMENTOS	iv
RESUMO.....	v
ABSTRACT	vi
ÍNDICE GERAL	vii
LISTA DE ANEXOS E DE APÊNDICES.....	x
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 – REVISÃO DA LITERATURA	3
1.1. Formação	3
1.1.1. Objetividade e Subjetividade.....	5
1.1.2. Objetivos de Formação.....	5
1.1.3. Objetivos Pedagógicos	6
1.1.4. Objetivos Gerais	7
1.1.5. Objetivos Específicos	7
1.1.6. Domínios	7
1.2. Equitação Militar	10
1.2.1. Nota Introdutória	10
1.2.2. Equitação	10
1.2.3. Equitação Militar	13
1.2.4. Equitação Militar na Academia Militar	17
1.2.4. Equitação Militar na Academia Militar das Agulhas Negras	21
CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO.....	22
2.1. Introdução e contextualização da abordagem.....	22
2.2. Tipo de abordagem metodológica	22

2.3. Modelo de análise.....	25
2.4. Fase metodológica da investigação	26
2.5. Instrumentos de recolha de dados	27
2.6. Inquéritos por Entrevistas.....	27
CAPÍTULO 3 – MÉTODOS E MATÉRIAS	28
3.1. Contexto de Observação.....	28
3.2. Método e técnica de recolha de dados	28
3.3. Procedimento de amostragem	29
3.4. Tratamento de análise de dados.....	29
CAPÍTULO 4 – RESULTADOS.....	31
4.1. Nota Introdutória	31
4.2. Análise de resultados	31
4.2.1 Análise da Pergunta n.º 1.....	31
4.2.2 Análise da Pergunta n.º 2.....	33
4.2.3 Análise da Pergunta n.º 3.....	34
4.2.4 Análise da Pergunta n.º 4.....	36
4.2.5 Análise da Pergunta n.º 5.....	37
4.2.6 Análise da Pergunta n.º 6.....	38
CAPÍTULO 5 – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	39
5.1. Discussão de resultados da Q.D.1.	39
5.2. Discussão de resultados da Q.D.2.	40
5.3. Discussão de resultados da Q.D.3.	42
CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	46
6.1 Resposta à pergunta de partida da investigação	46
6.2 Confirmação dos objetivos do trabalho.....	47
6.3. Reflexões finais	48
6.4. Limitações da investigação	50

6.5. Proposta para investigações futuras	50
BIBLIOGRAFIA	51
ANEXOS	I
APÊNDICES	IV

LISTA DE ANEXOS E DE APÊNDICES

Anexos

Anexo A - Modelo SECI	I
Anexo B – Ilustração referente à Equitação na Academia Militar	II

Apêndices

Apêndice A - Guião de Entrevista	IV
Apêndice B - Taxonomia de Bloom – Domínios	VIII
Apêndice C – Estudo Base da Análise das Entrevistas	IX
Apêndice D - Análise pelo método de observação	X
Apêndice E – Quadro de análise da Pergunta n.º 1	XVI
Apêndice F – Quadro de análise da Pergunta n.º 2	XIX
Apêndice G – Quadro de análise da Pergunta n.º 3	XXI
Apêndice H – Quadro de análise da Pergunta n.º 4	XXIII
Apêndice I – Quadro de análise da Pergunta n.º 5	XXV
Apêndice J – Quadro de análise da Pergunta n.º 6	XXVII

Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos

AM	Academia Militar
EM	Equitação Militar
EUA	Estados Unidos da América
GNR	Guarda Nacional Republicana
LAC	Liga Anti Cavalo
NEP	Norma de Execução Permanente
OE	Objetivo Específico
OG	Objetivo Geral
p.	Página
p.p	Páginas
QC	Questão central
TIA	Trabalho de Investigação Aplicada
TPO	Tirocínio Para Oficiais

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de investigação é fruto de um dos momentos mais importantes do término da consagração a Oficial do Exército dos Quadros Permanentes.

O Trabalho de Investigação Aplicada tem como objetivo primordial a consecução de uma tese de índole militar, elaborada por futuros Oficiais do Quadro Permanente.

Neste âmbito e pertencendo à arma de Cavalaria existe um conjunto de temáticas diversificadas de que se poderia falar. Neste caso, optou-se pela Equitação Militar que não é somente de Cavalaria, mas que tem nos seus membros a responsabilidade, como fiéis depositários, na sua manutenção.

Assim sendo e referente à Equitação Militar existem várias vertentes sobre as quais nos poderíamos debruçar, no entanto, neste caso concreto, falamos na génese, do local onde começa a Equitação Militar na Academia Militar. Deste modo, procuramos perceber de que forma os formadores definiram aquilo que devem ser os objetivos a atingir com a Equitação Militar no estabelecimento de ensino que forma os Oficiais do Quadro Permanente do Exército e da Guarda Nacional Republicana.

A investigação a que nos propusemos tem o sentido de definir uma linha de orientação não só aos formadores mas também aos formandos, de quais devem ser os objetivos a atingir com a Equitação Militar na Academia Militar.

Com isto pretendemos expor aquilo que não existe de forma redigida, palpável, nem fundamentada do que se deve alcançar com a Equitação Militar na formação dos futuros Oficiais do Quadro Permanente do Exército e da Guarda Nacional Republicana, segundo a perspectiva dos formadores atuais e dos seus antecessores.

A sua maior importância é trazer linhas orientadoras de um dos momentos de instrução aos formadores e formandos pois este “instrumento” de formação tem um custo elevado e permanente, devido ao facto de ser um ser vivo e precisar de cuidados diários, alimentares e de maneio e, como tal, deve ser-se bastante concreto na definição dos objetivos a atingir, para que não se equacione a sua extinção por falta de coerência da sua existência.

A definição de objetivos de aprendizagem só por si já é um objetivo desta investigação. Assim sendo os objetivos que se pretendem atingir de forma clara e concisa são, identificar os objetivos a atingir, através da Equitação Militar na formação dos futuros

Oficiais do Exército e da Guarda Nacional Republicana segundo as perspetivas dos Mestres e Instrutores de Equitação Militar da Academia Militar.

Os objetivos específicos que concorrem para um objetivo geral são Identificar os fatores que se tornam importantes para a formação dos futuros Oficiais do Exército e da Guarda Nacional Republicana, que a Equitação Militar concede de forma diferente de todas as outras modalidades;

Identificar os objetivos que se pretendem atingir com a Equitação Militar nos cadetes do 2º ano;

Identificar os objetivos que se pretendem atingir com a Equitação Militar nos cadetes do 4º ano de Cavalaria;

A estrutura adotada neste trabalho segue a linha de pensamento de, numa fase inicial fazer uma Introdução relativamente ao trabalho referido, de sucintamente transmitir o que se pretende na elaboração do Trabalho de Investigação Aplicada.

Numa segunda fase, o grosso do trabalho, o desenvolvimento, fala de três temáticas, uma inicial onde se pode inserir a Equitação Militar na Academia Militar, a segunda relativa à metodologia, de que forma está pensada a nossa investigação e quais os métodos utilizados para tal, a recolha e a análise de dados e, por fim, os resultados obtidos.

A terceira e última parte, a conclusão, menciona o que podemos concluir com a elaboração deste trabalho e onde respondemos às questões a que nos propusemos, terminando com as reflexões finais feitas pelo autor relativamente ao assunto em questão.

CAPÍTULO 1 – REVISÃO DA LITERATURA

1.1. Formação

Com a elaboração deste trabalho, mais do que compreender de que forma os objetivos devem ser cumpridos, pretende-se formalizar o que se tenciona com a Equitação na Academia Militar na parte da formação.

Sendo assim a formação quando se refere a questões tão particulares como é a Equitação, não podemos fazer uma análise desta, de forma tão simples como a formação de um cargo operário numa fábrica de procedimentos padronizados.

Assim, o conhecimento que daqui advém é um conhecimento tácito, este “é o conhecimento que detido pelos indivíduos e difícil de codificar em suportes exteriores a estes, porque é específico de determinados contextos e feito de experiências pessoais.” (Polanyi, 2014, p. 2). A Equitação enquadra-se na plenitude do que é a definição de conhecimento tácito pois só quem monta a cavalo consegue perceber certas definições e sensações, sendo que mesmo isto se altera devido à existência de outra variável, o cavalo.

Contudo, segundo o ciclo criado por Nonaka e Takeuchi conseguimos chegar mais longe através do seu modelo de pensamento (Modelo SECI)¹ entre o conhecimento tácito e o conhecimento explícito. Este ciclo prevê uma passagem do conhecimento tácito, baseado em experiências para um conhecimento escrito baseado em registos e o conhecimento escrito em conhecimento tácito, tornando-se assim um ciclo vicioso.

Para que este pensamento seja compreendido de forma mais clara foi criado um ciclo em que estão divididas quatro fases do conhecimento passando pela Socialização, Externalização, Internalização e Combinação. (Anexo A)

A etapa da Socialização é definida como o que “é transmitido de pessoa a pessoa; esta transmissão é experiencial, ativa e envolve a uma interação direta entre as pessoas envolvidas, que implica a partilha de experiências e modelos mentais.” (Feijoo, 2014, p. 3) Esta etapa passa, no caso da Equitação, pelo Mestre ou Instrutor transmitir o seu conhecimento, com base na sua experiência, a forma de ultrapassar as dificuldades que neste caso o cadete está a sentir ou, caso contrário, criar essas mesmas dificuldades de forma consciente.

¹ Modelo Socialização, Externalização, Internalização, Combinação.

A Externalização é o conhecimento tácito que “é transformado em conhecimento explícito, através da sua captura e codificação numa forma facilmente inteligível por aqueles que não estejam familiarizados com ele. Este processo envolve habitualmente um diálogo com os detentores do conhecimento implícito pois estes conseguem articular as suas ideias com mais clareza quando são confrontados com questões por parte do interlocutor, A externalização desenvolve-se do indivíduo para o grupo.” (Feijoo, 2014, p. 3)

Com esta última definição podemos observar que é esta fase em que nos encontramos, pois é através dos detentores do conhecimento, os Mestres e Instrutores que procuramos chegar ao conhecimento explícito. Através da aplicação de inquéritos por entrevista e de forma a juntar o conjunto de ideias, de conhecimentos individuais, de modo a chegar a um conhecimento que se torne geral com base nas experiências de cada um.

A fase seguinte que também faz parte deste trabalho passa pela Combinação, esta é caracterizada por ser o conjunto de conhecimentos explícitos que “são associados e combinados num todo coerente. Este processo implica a consulta de elementos de conhecimento explícito e a sua edição das descrições num único documento” (Feijoo, 2014, p. 3).

A última fase do ciclo é a Internalização, acontece quando “o conhecimento explícito é absorvido, interpretado e integrado com o restante conhecimento do indivíduo, transformando-se em conhecimento tácito detido por este. Esta dinâmica desenvolve-se de um grupo para outros grupos.” (Feijoo, 2014, p. 3). Esta etapa passa pela posterior utilização deste trabalho como ajuda no assunto em questão, a Equitação na Academia Militar.

Contudo, a formação dentro de uma organização pode ter várias formas de ser analisada, sendo que a formação pode ser definida pelo facto de existir um problema, no caso de não se estar a conseguir atingir um determinado objetivo previamente definido ou no caso de existir uma necessidade da organização e não existe qualquer formação que suporte essa mesma dificuldade. Neste caso, a Equitação Militar na Academia Militar segue a linha de pensamento de uma instrução já existente, a de formação de Oficiais dos Quadros Permanentes, que tem lacunas, e que a Equitação Militar tenta complementar.

1.1.1. Objetividade e Subjetividade

Na formação temos que ter em atenção que existem sempre dois grandes mundos: o da objetividade e o da subjetividade. Na objetividade o que pretendemos é um standard, é uma padronização em que todos os elementos ao longo da formação são sujeitos a certas dificuldades que, independentemente das suas características para atingirem o aproveitamento dos objetivos definidos, têm de se “moldar” ao que foi previamente definido. Desta forma, podemos definir objetividade como as “características de uma opinião ou atitude que não se deixa influenciar por sentimentos ou preferências, sendo imparcial.” (Porto Editora, 2016) Quando a formação é meramente objetiva, tem a vantagem de não ser interpretada de diferentes formas pelos mais variados formadores.

A subjetividade traz-nos o oposto, o formador vai ter um papel muito mais presente e vai moldar a sua formação aos objetivos definidos da forma que achar mais correta. Assim subjetividade é a “característica de uma opinião ou atitude marcada por sentimentos, impressões ou preferências pessoais.” (Porto Editora, 2016)

Na Equitação há a necessidade de procurar o melhor dos dois mundos, sendo que, por um lado, há a necessidade de definir objetivos para que independentemente do formador, as instruções de Equitação tenham a mesma linha de pensamento e sigam um objetivo que concorra para uma melhor formação dos futuros Oficiais do Quadro Permanente. Por outro lado, o facto de estarmos a lidar com formadores diferentes, alunos diferentes e sobretudo cavalos diferentes, vamos ter sempre uma tendência a ser subjetivos com o que pedimos a cada cadete e cavalo nas variadas instruções.

Sendo assim existem três elementos, o formador, o formando e o cavalo com perceções e formas de reação diferentes, trazendo deste modo o lado subjetivo à formação.

.

1.1.2. Objetivos de Formação

Na definição dos objetivos de formação temos duas especificidades: as finalidades e as metas. Segundo Martins, Campos & Costa (2008) as finalidades dos objetivos de formação são por sua vez as intenções gerais, fornecendo a linha diretriz para a globalidade da formação.

As metas encontram-se um nível abaixo das finalidades e pretendem expressar de forma precisa os resultados desejados com a formação.

Assim, a Equitação Militar tem necessidade de ter a sua finalidade bem definida no sentido de ter uma base sólida do que pode oferecer na formação na Academia Militar. Por outro lado as metas da Equitação Militar também tem de ser definidas mas tendo sempre por base qual a finalidade que se pretende atingir com esta formação.

As finalidades são definidas através dos objetivos a alcançar ao longo dos diferentes anos de formação e, por sua vez, um objetivo geral a atingir com a Equitação. As metas neste caso particular não só dependem da classe como dependem do terceiro fator influenciador, os cavalos.

1.1.3. Objetivos Pedagógicos

Segundo Ricardo Rego (2009) quando refere objetivos pedagógicos dedica um módulo, o Módulo 6 do Manual do Formando. Neste módulo faz uma sistematização daquilo que são os objetivos pedagógicos.

O objetivo pedagógico exprime uma intenção e descreve uma mudança no formando que pode ser a aquisição de uma nova capacidade ou o aperfeiçoamento de uma capacidade já existente. Logo, estes objetivos têm de criar uma mudança que deve ser identificável, desejável (deve ser coerente com o sistema de valores), esperada e deliberadamente perseguida.

Pretende-se obter um resultado/produto de uma aprendizagem e, por isso, os objetivos vão ser linhas orientadoras de uma ação, vão influenciar a escolha das estratégias de aprendizagem e posteriormente os processos de avaliação.

Para Ricardo Rego (2009) existe a necessidade de definir as funções e as vantagens da existência de objetivos pedagógicos, sendo eles fatores de clarificação de toda a formação. Neste âmbito, o mesmo antes defende que os objetivos pedagógicos pretendem exprimir uma intenção e descrevem uma mudança do formando, que pode consistir na aquisição de uma nova capacidade ou no aperfeiçoamento de uma capacidade já existente.

Portanto, “A definição de objetivos deve presidir a todo o processo de formação, uma vez que estes condicionam todos os outros elementos do processo de avaliação – eles vão determinar a planificação do conjunto de atividades que uma formação gera.” (Rego, 2009, p. 93).

Os objetivos pedagógicos, segundo Martins, Campos & Costa (2008) subdividem-se em dois tipos de objetivos com diferentes abrangências, os Objetivos Gerais e os Objetivos Específicos

1.1.4. Objetivos Gerais

Os Objetivos Gerais são aqueles que “designam as grandes orientações de uma formação sob a forma de performances complexas e resultam da combinação e da integração de performances simples. São atingidos na sequência de um período de aprendizagem mais ou menos longo, no final de uma formação ou de partes de um ciclo”. (Rego, 2009, p. 99).

Logo, pode dizer-se que os objetivos gerais de formação definem, em termos gerais, as orientações do que se pretende alcançar. Desta forma, os Objetivos Gerais “Expressam os resultados realmente esperados em termo de ações concreta ou sequências de aprendizagem.” (Martins, Campos , & Costa, 2008, p. 129).

1.1.5. Objetivos Específicos

Em relação aos objetivos específicos podem definir-se como “Os comportamentos esperados de uma sequência de formações ou conjunto de atividades de aprendizagem” (Rego, 2009, p. 99). Este tipo de objetivos concorrem para o Objetivo Geral e tendem a ser de um âmbito mais restrito e mais específico na sua execução.

Assim, os Objetivos Específicos “Expressam os comportamentos esperados em termo de uma ação de formação ou conjunto de atividades de aprendizagem.” (Martins, Campos , & Costa, 2008, p. 130).

1.1.6. Domínios

Neste ponto propomo-nos fazer uma abordagem sobre os domínios do conhecimento e os objetivos que se devem atingir. Para tanto, vamos ter como base a Taxonomia de Bloom.

Segundo Ferraz (2010) este modo educativo de definir, organizar e estruturar os objetivos advém de Bloom que pertencia à Associação Norte Americana de Psicologia

(American Psychological Association) e que, em 1956, com um conjunto de psicólogos, criou os princípios basilares desta nova forma de pensar.

Este modo de definir objetivos de formação compreende três domínios gerais: o cognitivo, o afetivo e o psicomotor. O que se pretendia era uma definição clara e estruturada de objetivos de instrução, de forma a auxiliar e direcionar a educação ao formador e a facilitar a linha de pensamento do formando na sua aprendizagem para torná-la mais proveitosa.

Separando estes três domínios o cognitivo, o afetivo e o psicomotor concluímos que no domínio cognitivo o desenvolvimento verifica-se a nível intelectual, de habilidade e de atitudes. Tal domínio apresenta um grupo de objetivos que só podem serem alcançados se o objetivo anterior tiver sido atingido com sucesso.

Os objetivos constituintes do domínio cognitivo apresentam-se de forma crescente de aprendizagem: Conhecimento; Compressão; Aplicação; Análise; Síntese e Avaliação. (Telles, 2004). Quanto à estruturação de cada um destes níveis, temos do nível mais baixo e mais acessível para o nível mais difícil e mais inacessível de adquirir:

1. Conhecimento: lembrar informações sobre factos datas, palavras, teorias, métodos, classificações, lugares, regras, critérios, procedimentos;
2. Compreensão: entender a informação ou o facto, captar seu significado, utilizá-la em contextos diferentes;
3. Aplicação: aplicar o conhecimento em situações concretas;
4. Análise: identificar as partes e suas inter-relações;
5. Síntese: combinar partes não organizadas para formar um todo;
6. Avaliação: julgar o valor do conhecimento.

Relativamente ao domínio afetivo, este tem na sua génese o sentimento e a postura, os quais comportam o comportamento, a atitude, a responsabilidade, a emoção e os valores. Apresenta também categorias a atingir de forma criteriosa, sendo necessário primeiro atingir com sucesso o nível anterior. As categorias são: a Recetividade; a Resposta; a Valorização; a Organização e a Caracterização. (Telles, 2004).

No que toca à estruturação de cada um dos níveis, temos do nível mais baixo e mais acessível para o nível mais difícil e mais inacessível de adquirir:

1. Recetividade: dar-se conta de factos, predisposições para ouvir, atenção seletiva;
2. Resposta: envolver-se (participar) na aprendizagem, responder a estímulos, apresentar ideias, questionar ideias e conceitos, seguir regras;

3. Valorização: atribuir valores a fenómenos, objetos e comportamentos;
4. Organização: atribuir prioridades a valores, resolver conflitos entre valores, criar um sistema de valores;
5. Caracterização: adotar um sistema de valores e praticar esse sistema.

No terceiro e último domínio, o psicomotor, acontece precisamente o mesmo que nos anteriores, não pode ser atingida uma das categorias sem a anterior ter sido devidamente atingida.

As categorias integrantes do domínio psicomotor são: a Imitação; a Manipulação; a Articulação e a Naturalização. (Telles, 2004).

1. Imitação: é a capacidade que o indivíduo tem para executar um gesto ou uma tarefa, vendo outros fazer;
2. Manipulação: capacidade de manipular corretamente objetivos, capacidade de executar gestos e manipular objetos com precisão, de forma coordenada;
3. Articulação: capacidade de executar uma tarefa de forma estruturada e coerente;
4. Naturalização: capacidade de aquisição de competência psicomotoras que não possuía antes.

Podemos concluir que a Taxonomia de Bloom pretende, efetivamente, padronizar a forma de definir objetivos para fácil coordenação e compreensão dos mesmos, definir de forma clara e precisa o que se pretende de cada objetivo. E ainda abrir outras oportunidades educacionais, a partir do momento que se utilize como base de pensamento este modelo de análise.

1.2. Equitação Militar

1.2.1. Nota Introdutória

Neste subcapítulo sobre a Equitação Militar temos, antes de mais, de perceber onde se insere o nosso trabalho e quais os antecedentes do mesmo e perceber também a sua importância no meio do Exército e da Cavalaria. Não podemos esquecer que o cavalo acompanha o Homem quase desde a sua origem e que foi essencial em todo o desenvolvimento civilizacional, quer como força motriz, quer como plataforma de combate e daí o surgimento da Equitação e, subsequentemente, da Equitação Militar.

Podemos ainda dizer que ao longo da história se verifica que o maior problema de toda a Equitação é o Homem, pois foi este que quis mudar o natural, teve como intenção levar o cavalo a fazer quase tudo e, muitas vezes, o cavalo fez sem perceber o porquê.

Então, não podemos olhar para o cavalo de uma forma pouco cuidada, é necessário compreender que é um ser que se deixou domar e seguiu as indicações dos seus cavaleiros ao longo de milénios de forma cega, acreditando no elemento que o direccionava.

Tudo isto, porque quando começamos a montar sentimo-nos na obrigação de fazer um acordo de cavalheiros, em que se alia a força do cavalo e este se predispõe a fazer tudo o que está ao seu alcance, enquanto o homem oferece o seu raciocínio para o fazer da melhor maneira possível.

Assim, podemos verificar que o cavalo tem um lugar especial na vida do Homem.

1.2.2. Equitação

A Equitação inicia-se num momento muito próximo daquele que representa o primeiro contacto com o cavalo, pois o homem quando descobre que pode usar este animal como plataforma para se deslocar de forma rápida e sem grande esforço da sua parte, fá-lo, de tal forma que até aos dias de hoje ainda é usado para inúmeros fins.

Segundo João Maria Jalles² na sua obra Equitação refere o binómio cavalo/homem que “Os Númidas de África³ (referem as Historias) pelejavão na Líbia em

² Capitão de Artilheria, Autor da obra Equitação, Bibliotheca do Povo e das Escolas, 1885, Lisboa.

³ Númidas: Antigo povo nómada, habitante da Númida, antiga região a norte de África, séc. II a.C.

cavallos, mas sem sellas; os Centauros Póvos da Grécia⁴ acharão o uso d'ellas, e forão os primeiros que formarão militarmente correrias para a escaramuças para a paz.” (Jalles, 1885), assim podemos observar que o cavalo aparece com os Númidas em Africa, a 513 anos a.C. em movimentos militares e isto só nos pode levar a pensar que a equitação nos acompanha há mais de dois milénios e militarmente começa na Grécia Antiga⁵ de uma forma organizada.

Embora a Grécia não seja um país atualmente com grande tradição equestre podemos verificar que os primeiros tratados foram escritos na Grécia por Xenofonte⁶ (430 – 355 a.C.), estes tratados principalmente na sua obra “Arte Equestre e Hipparcus enuncia princípios ainda hoje aceites e seguidos em equitação tais como que esta arte baseia-se na recompensa e no castigo”. (Atayde L. , 1994, p. 6)

No seguimento da evolução do cavalo na vida do Homem, este aparece como plataforma de combate, com base em mercenários na 2ª Guerra Púnica⁷.

O grande passo a nível militar é dado na Idade Média⁸. Na Europa, aparece o freio e a ferração, dois elementos essenciais, um na condução e outro na manutenção da operacionalidade da plataforma de combate do cavalo.

Passando agora para um passado mais recente, que representa um dos momentos mais marcantes do uso do cavalo, a 1ª Guerra Mundial, o cavalo toma duas grandes posições, na Artilharia para o transporte das peças e na Cavalaria como arma de emprego no campo de batalha.

Em Portugal, aquando do surgimento do CEP (Corpo Expedicionário Português), a nível orgânico contava-se com um conjunto de 14795 solípedes (cavalos e mulas). Apesar do número elevado dos ataques de gases, do aparecimento da metralhadora e dos bombardeamentos da artilharia, que vieram dizimar tanto o CEP como o conjunto de animais que os acompanhou, o número de solípedes foi sendo sempre repostos até ao final

⁴ Centauros: Cidadãos gregos (atenienses) que montassem a cavalo em combate.

⁵ Grécia Antiga (500 a.C. a 338 a.C.) época de grande desenvolvimento económico cultural, social e político da Grécia antiga. (SuaPesquisa, 2016)

⁶ Xenofonte: Historiador e ensaísta grego (Erria, Atenas, c.430 a.C. – Corinto 355 a. C.). Foi discípulo de Sócrates. Incorporou-se no exército de Esparta.

⁷ 2ª Guerra Púnica (218 a.C. a 201 a.C.) decorreu-se no mediterrâneo com principal participação de Roma e Cartago. (Portillo, 2010)

⁸ Idade Media: início em 395 d. C. com a morte de Teodósio e consequentemente a queda do Império romano, até à queda de Constantinopla 1453 d. C.

da guerra, revelando assim a sua relevância fundamental no campo de batalha. (Afonso & Gomes, 2010)

Em relação à Segunda Guerra Mundial, pode pensar-se que não existiu cavalaria a cavalo mas tal informação é negativa, uma vez que a utilização de solípedes foi em grande número. Contudo, o que torna a utilização do cavalo como algo secundário é o aparecimento do carro de combate, o qual passa a ser a plataforma terrestre de tecnologia mais avançada, ficando a percepção que o cavalo não foi utilizado, ideia esta que é completamente errada.

Importa referir que as principais ações a cavalo na Segunda Guerra Mundial foram várias, designadamente: a Divisão Búlgara a cavalo em 1941, que apoiava o exército alemão na frente oriental, na China com o emprego de 11 Divisões a cavalo na frente norte e 3 Divisões a cavalo na frente central, sendo um somatório de aproximadamente 100 000 cavalos, e a França, em 1940, empregava 5 Divisões Ligeiras de Cavalaria que estavam organizadas com tropa a cavalo, mecanizada e motorizada, contando com um efetivo de 2 200 cavalos.

Como estas forças, muitas outras continham solípedes na frente de combate, assim como na retaguarda no apoio logístico. (Wilemberg, 2012).

Não obstante e numa história mais recente, temos o caso das forças a cavalo nas Guerras de África. A 19 de Março de 1967 aparece o primeiro pelotão a cavalo em Angola.

Esta força desempenhou variadíssimas ações com perseguições, deslocamentos no sentido de intercetar o inimigo em fuga e auxílio a forças apeadas como força de reserva. (Pinto L. , 2010)

A última ação conhecida no mundo é feita pelas US Special Force, força americana de ações especiais no Afeganistão que utilizou um conjunto de solípedes nas suas ações em 2001 no sentido de se deslocarem em terrenos sinuosos e de difícil acesso para conseguirem não serem detetados, nem perderem o seu potencial de combate pelo cansaço dos deslocamentos. (Michaels, 2014).

Através de tudo isto, verificamos que o uso do cavalo não começa hoje, há mais de dois milénios que acompanha o homem e, de tal modo, não pode ser olhado em vão. É mais do que um ser vivo na vida do homem, foi e continua a ser um trabalhador, um soldado e, acima de tudo, um imponente e marcante elemento cultural que acompanhou o Homem em cada pedaço da história.

Logo, temos que ter sempre presente que a Equitação não é um desporto como tantos outros, é uma arte.

O que se acaba de referir verifica-se quando um formador/professor de educação física termina o seu curso mas não está habilitado a dar instrução/aulas de equitação, o que por si só, denota que não é um desporto como tantos outros.

A Equitação apresenta uma panóplia de valências que excede o desporto, o cavalo aparece no seio da vida do homem com inúmeros fins, fins esses muito mais vastos e antigos que a equitação enquanto desporto, o hipismo⁹.

O número de atividades em que a Equitação se integra são imensas, tais como o policiamento¹⁰, o “randonnée”¹¹, a caça¹², o circo¹³, o rodeo¹⁴ entre outras, além das atividades desportivas, denominadas de hipismo.

Desta forma, importa ter presente a ideia de que a Equitação, no seio do Exército tem de ser vista muito além da vertente do hipismo, pois a história conta-nos que a sua utilização ao longo de milénios foi para fins muito nobres, levando até ao sacrifício da sua própria vida.

Contudo, e apesar de o cavalo ser “usado” de variadíssimas formas há princípios que nunca devem ser esquecidos. Um animal não é uma máquina e, desta forma, devemos olhar em cada momento e em cada circunstância para o cavalo como um ser vivo, com vontade própria.

1.2.3. Equitação Militar

⁹ Hipismo: Denominação que engloba todos os desportos em que intervém o cavalo, como montada ou animal de tração.

¹⁰ Policiamento a cavalo: patrulhas de polícia montadas.

¹¹ Randonnée: turismo equestre (Cervantes, 2016).

¹² Caça: captura ou abate de aves, feras e outras espécies de animais mediante batida ou perseguição dos mesmos, segundo determinados métodos e tradições, podendo ser apeado ou montado, em cavalos, camelos etc...

¹³ Circo com o uso do cavalo: começa como um lugar destinado, entre os Romanos, à celebração de alguns espetáculos, sobretudo com corridas a cavalo (curros), séc. III a. C. e hoje em dia tem atuações usando cavalos de diferentes formas. (Instituto de Lexicologia e Lexicografia, 2001)

¹⁴ Rodeo: Competição hípica de dureza e força, originária dos EUA, e que consiste em montar, com ou sem sela potros selvagens. (Instituto de Lexicologia e Lexicografia, 2001)

No seguimento da elaboração do presente trabalho e passando para uma área específica da Equitação, a Equitação Militar, que tem como base, em Portugal, o Regulamento de Equitação Militar.

Como tal, e de forma a respeitar o que existe previamente definido, importa expor as finalidades da Equitação Militar:

“Contribuir para a formação, em especial dos alunos dos Estabelecimentos de Ensino Militar, extensivamente aos Estabelecimentos Militares de Ensino, e para a manutenção da aptidão física e moral dos quadros do Exército;

Contribuir para a representação pública do Exército, designadamente através da Reprise da Escola de Mafra e demais atividades que contribuam para a divulgação da imagem da Instituição Militar;

“Preservar e desenvolver o conhecimento da escola equestre militar, enquanto património cultural e desportivo, com repercussão nacional e internacional, preservando uma tradição de sólidas raízes históricas.” (Regulamento de Equitação Militar, 2015, pp. 1-1)

Como consequência os Objetivos Gerais da Equitação Militar no Exército são:

“Assegurar, prioritariamente, a formação aos futuros Oficiais e Sargentos do quadro permanente, na Academia Militar (AM), na Escola de Sargentos do Exército (ESE) e na Escola das Armas (EA), contribuindo para um mais completo desenvolvimento moral e psicomotor dos futuros quadros do Exército, colocando a tónica no apuramento das características associadas à liderança. Com o mesmo sentido, garantir esta formação aos alunos dos Estabelecimentos Militares de Ensino;

Divulgar a imagem do Exército junto da sociedade civil, nacional e estrangeira, transmitindo uma mensagem de organização, aprumo, disciplina e rigor;

Garantir a formação de especialistas de equitação, onde se incluem os quadros (formadores), os desbastadores e tratadores hipo, por forma a assegurar o cumprimento das suas tarefas com competência e contribuir para preservar e desenvolver o conhecimento equestre da escola militar;

Enquadrar e apoiar a prática da equitação pelos militares, nas unidades e estabelecimentos onde estejam reunidas as condições para o efeito;

Constituir fator de atração para o ingresso no regime de voluntariado e de contrato, nomeadamente pela certificação das especialidades militares nesta área, mormente desbastador, tratador hipo e siderotécnico;

Quando determinado superiormente, colaborar em outras missões de interesse público (OMIP), nomeadamente ações de prevenção e deteção de incêndios;

Manter as relações institucionais que se revelem importantes para a equitação militar e vantajosas para o Exército;

Assegurar o apoio administrativo-logístico, base da sustentação do sistema da equitação militar.” (Regulamento de Equitação Militar, 2015).

Logo, podemos observar que um dos elementos essenciais da EM é a Academia Militar, pois só através da manutenção de parte do Sistema de Equitação Militar¹⁵ entre os Alunos da Academia Militar que têm Equitação Militar, os Praticantes de Equitação nas Unidades e os Formadores de Equitação Militar é que se mantém tanto a manutenção da prática da Equitação como a manutenção de um “Know-how” que não se pode perder por variadíssimos motivos, tais como a sua importância histórica, a capacidade de auxiliar na formação dos cadetes da AM e as atividades representativas em prol do Exército.

A Equitação Militar “é a Equitação aplicada ao seio do Exército, é a comunhão de vários fatores, dos quais se destacam, a doutrina equestre militar e os recursos e estruturas que a sustentam. Entendida na sua forma primária a Equitação Militar visava ensinar os cavaleiros e os seus cavalos para sua posterior aplicação no campo de batalha. Nesta perspectiva a Equitação Militar tinha apenas a valência formativa integrada na Cavalaria a cavalo”. (Laureano, 2011 pág.4).

Esta forma de “viver” a Equitação Militar termina após “a Equitação Militar, tendo resistido durante 14 anos de empenhamento do Exército nos teatros de operações ultramarinos, onde inclusivamente desenvolveu atividade operacional, viveu alguns anos de estabilidade no período que se lhe seguiu, procurando retomar o dinamismo anterior.” (Ribeiro, 2005, pág.28)

Esta nova fase que a Equitação Militar atravessa chega repleta de questões pertinentes, tais como a sua importância e a sua necessidade, existindo uma carência permanente de saber porque é que se mantém a Equitação e os benefícios que daí advêm, porém “Qualificar o benefício da Equitação Militar não é fácil, até porque estão em causa valores morais e éticos, que são, historicamente, apanágio das instituições militares.” (Ribeiro, 2005 pág.28)

“De acordo com o regulamento, podemos afirmar de forma sucinta que a equitação no seio da nossa instituição tem três finalidades, imediatamente relacionadas e dependentes umas das outras, sendo elas a de contribuir para a formação dos novos

¹⁵Conjunto dos quadros de especialistas na área da equitação: Mestre de Equitação, Instrutor de Equitação, Monitor de Equitação, Desbastador, Tratador Hipo e Assistente Médico-Veterinário.

quadros, quer nos aspetos morais (formação do caráter, desenvolvendo algumas das virtudes militares) quer nos aspetos físicos (através do desenvolvimento de capacidades de coordenação psicomotora).

Aprofundar e revitalizar, por um lado, uma tradição militar de sólidas raízes históricas e, por outro, preservar e aperfeiçoar a Escola Equestre Militar, como património cultural significativo de âmbito nacional.

A Equitação Militar orienta-se no âmbito da representação pública do Exército, através de demonstrações ou pela participação em competições desportivas de abrangência nacional ou internacional.” (Ribeiro, 2005 pág.31)

Assim, os objetivos principais da Equitação Militar na formação dos Quadros do Exército são atingíveis:

“Através de instrução elementar aos cursos da Academia Militar e da Escola de Sargentos do Exército, incutindo nos alunos qualidades militares, éticas e morais, tais como a coragem¹⁶, a abnegação¹⁷, a destreza¹⁸, espírito de sacrifício¹⁹, o respeito²⁰ pelos outros, a perseverança²¹, a autoconfiança²², a humildade²³, a decisão²⁴, a firmeza de caráter²⁵ e o gosto pelo risco.” (Pinto, 2003 pág.72)

¹⁶ Coragem: “Força de espírito que leva a pessoa a vencer o medo, a enfrentar o perigo ou situação hostil.” (Instituto de Lexicologia e Lexicografia, 2001, p. 973)

¹⁷ Abnegação: “Renuncia aos desejos e interesses próprios, por devoção ou dedicação extrema a uma causa, um ideal ou um objetivo.” (Instituto de Lexicologia e Lexicografia, 2001, p. 17)

¹⁸ Destreza: “Capacidade de resolver facilmente situações embaraçosas ou para superar obstáculos difíceis.” (Instituto de Lexicologia e Lexicografia, 2001, p. 1224)

¹⁹ Espírito de sacrifício: capacidade de aceitar, uma determinada situação desagradável para um determinado propósito mais importante do que o atual. (ASA, 2014)

²⁰ Respeito: ato ou efeito de respeitar, deferência, veneração, culto consideração, apreço. (Porto Editora, 2016)

²¹ Perseverança: “Qualidade daquele que prossegue com esforço, com afincos, sem esmorecer.” (Instituto de Lexicologia e Lexicografia, 2001, p. 2834)

²² Autoconfiança: “Sentimento de confiança em si próprio” (Instituto de Lexicologia e Lexicografia, 2001, p. 426)

²³ Humildade: “Capacidade de reconhecer erros ou defeitos próprios.” (Instituto de Lexicologia e Lexicografia, 2001, p. 2012)

²⁴ Decisão: “Esclarecer definitivamente o que fazer; tomar uma resolução ou decisão.” (Instituto de Lexicologia e Lexicografia, 2001, p. 1073)

A Equitação também pode ser olhada sob o ponto de vista da formação moral desenvolvendo: “Espírito de decisão e iniciativa; Confiança e tenacidade; Perseverança e calma; Domínio de si, modelando a personalidade; hábito de dirigir, submeter e aprender cada vez mais” (Monte, 2010). Esta outra forma de ver a Equitação vai ao encontro da anterior em alguns pontos, demonstrando que há uma consonância do que desenvolve e expone a Equitação.

Quanto aos dias de hoje, a Equitação Militar tem várias vertentes, no entanto, a área da formação assume um pilar fundamental, pois é onde se verifica que a Equitação se destaca das outras formas de formação quando, por exemplo, “Na Academia Militar olhamos para um aluno que está cheio de medo mesmo quando está a preparar o cavalo para montar e que o ter que ir para cima do cavalo já cria dificuldade em acertar com os estribos, leva a que muitos deles é ali que começam a deixar de pensar. Só a presença do cavalo e depois o montar a cavalo contribui para enriquecer aquilo que é a capacidade de raciocínio e a capacidade de tomar decisões em cima de um ser que tem uma vontade própria, fundamentalmente o que importa é o cavalo meter no aluno condições stress, receio e medo, e o conseguir superar-se a si próprio e levar o cavalo para onde ele quer. Portanto a Equitação Militar contribui para a melhoria da autoestima, da decisão entre outras, mas pouca gente tem essa noção e dá relevância à equitação.” (Silva, 2013 p. 89).

1.2.4. Equitação Militar na Academia Militar

A histórica Equitação na Academia Militar passa por dois grandes momentos, o da instrução com o objetivo de formar Oficiais que poderiam ter que saber montar a cavalo enquanto comandantes a cavalo e para combater nos teatros de guerra ultramarinos. O outro momento passa pelo término das Guerras de África e a continuação da Equitação Militar na Academia Militar, no sentido de ser mais um elemento na formação de Oficiais como disciplina curricular e na vertente desportiva.

Este segundo momento, o qual vivemos hoje, leva-nos a procurar na Equitação outras valências para além da preparação de Oficiais a cavalo, uma vez que esse tipo de forças extinguiu-se no fim das Guerras de África.

²⁵ Caracter: “Coerência e firmeza nos atos e nos ditos, é uma pessoa com sentido de honestidade, ética dos seus direitos e deveres, é honrado, serio e incapaz de faltar ao prometido.” (Instituto de Lexicologia e Lexicografia, 2001, p. 688)

Assim, passou a usar-se a Equitação como método de formação de carácter e de desenvolvimento físico. Apesar disto, a Equitação quase perdeu a sua índole militar, nomeadamente, as marchas, o tiro montado e a preparação para o combate, passando a ser um elemento meramente formativo, o que se torna uma mais-valia na formação dos Oficiais oriundos da Academia Militar que também por isto se distinguem dentro do corpo de Oficiais dos restantes ramos das Forças Armadas.

Em relação à instrução na Academia Militar existe um tópico ainda presente, a instrução de Ordem Unida a cavalo. A Ordem Unida é executada no início de uma instrução e no final da mesma, sendo que durante a instrução, existe a execução de movimentos de Ordem Unida, os quais são consoantes a atividade desenvolvida ao longo da instrução.

Esta instrução pode ser dividida em três partes: apeado, montar e apear e montado. No manual de Instrução e Material de 1937 vem explanada toda a Ordem Unida que se usava até então, numa altura em que o cavalo estava muito presente no nosso Exército e é exatamente a mesma que hoje se usa nas instruções de Equitação Militar da Academia Militar. Este manual não foi concebido só para a instrução na Academia Militar mas para todo o Exército, pois nas unidades as suas fileiras também montavam a cavalo.

Em relação à instrução elementar, temos três andamentos²⁶ e uma série de exercícios que podem ser executados. Também existe uma panóplia de comandos que podem ser dados e que o instrutor normalmente emprega para melhorar a harmonia da instrução e, portanto, o simples uso de Ordem Unida tanto parado como em marcha, só por si, justifica o nome de Equitação Militar e permite uma maior harmonia numa aula de Equitação, aumentando a segurança tanto do formando como do animal.

Apesar de hoje em dia não existirem forças a cavalo no Exército, a questão da segurança, harmonia na instrução (dado o número de cavalos que uma aula de equitação pode ter, o qual pode variar dependendo do efetivo de cavalos mas também de alunos, mas sempre com números a rondar os 10 cavalos) e de tradição, faz com que o modo de instruir com base nestes movimentos de Ordem Unida traga uma igualdade de formação, que torna toda a instrução mais justa, imparcial e consistente.

Existe porém outro olhar sobre a equitação que dever ser realçado, no sentido em que exponencia um conjunto de características psicológicas, relacionadas com o modo de ser/estar de um cavaleiro que se adequam ao perfil de um Oficial do Exército formado na

²⁶ Os andamentos do cavalo são: passo, trote e galope.

Academia Militar. Sendo assim, “o cavaleiro deve ser suficientemente hábil para adaptar a intensidade das suas ajudas, das suas recompensas, dos seus castigos à sensibilidade do cavalo.” (Atayde L., 1994, p. 20) Transpondo este pensamento para o que se pretende de um Oficial do Exército, é possível verificar que o cavalo é um elemento que nos ajuda a ter discernimento nas nossas decisões e a saber em que medida e com que peso devemos tomar uma atitude, de forma a sermos o mais coerentes e assertivos na tomada de decisão.

Refere ainda que “Deve possuir a vontade, a determinação, a calma, a paciência, a habilidade, o bom senso, o espírito de método e os conhecimentos para fazer aceitar as ajudas.” (Atayde L., 1994, p. 20). Este conjunto de características são essenciais num futuro Oficial, a vontade de trabalhar, a determinação nas suas ações, a calma na tomada de decisão, independentemente de qualquer condição externa que o possa influenciar, a paciência na obtenção de resultados ou na concretização de uma ação pretendida, a habilidade na execução das ações impostas, o bom senso na tomada de decisão e método no seu dia-a-dia. Tais características deveriam ser permanentes num Oficial do Exército e o cavalo traz ao instrutor a possibilidade de verificar se um Cadete tem ou não condições para as adquirir ou aperfeiçoar, quando este se encontra a montar, numa situação de stress. Esta situação de stress pode tornar-se um elemento altamente benéfico e contribuir para uma avaliação mais cuidada no que toca ao que cada Cadete será enquanto futuro Oficial, em condições adversas e stressantes.

Além do que se acaba de referir, mas não menos importante, temos o facto de estarmos a lidar com um animal e a “ansiedade e as tensões do cavaleiro são imediatamente percebidas pelo cavalo através do olfato (a descarga de adrenalina, por exemplo, o faz sentir-se na iminência de ataque) e do tato (a rigidez da parte superior do tronco passa pelos braços e mãos do cavaleiro e atinge a boca do cavalo, bem como a instabilidade das pernas faz com que os pés se mexam mais e isso tudo transmite intranquilidade e medo ao animal)” (Brandão & Mattei, 2006, p. 4).

Logo, as nossas ações tem repercussões imediatas e isso exige de quem está a montar uma grande concentração e capacidade de decisão rápida e oportuna, tornando a Equitação um momento de formação tão único na Academia Militar.

Como supra referido, por ser um tipo de formação único tem tido, várias vezes, a atenção voltada para si. Ao longo dos tempos a Equitação Militar tem sido vista de diversas formas segundo os Cadetes e posteriormente pelos Oficiais formados na Academia Militar. Por um lado, existem os alunos que gostam e que sempre gostaram de montar a cavalo, sejam alunos da Academia Militar, ou oriundos do Colégio Militar, onde

a Equitação Militar também é um elemento de formação ou mesmo do mundo civil onde já montavam a cavalo.

Por outro lado, temos os alunos que, pelas mais variadas razões, não gostam de montar a cavalo e, conseqüentemente, nem vêm com “bons olhos” a Equitação, quer na Academia Militar quer no Exército.

Na Revista Proelium da Escola Militar já em 1936 se havia escrito sobre o modo como deveríamos olhar para a Cavalaria a cavalo após a Grande Guerra, a sua importância e a forma de se manter a Equitação, a Cavalaria a cavalo. O artigo “Tem a Cavalaria razão de existência?” (Andrade, 1936) significa que, após a Grande Guerra, a Cavalaria a Cavalo começa a ser alvo de pressões no que diz respeito à sua existência e à sua justificação. Percebe-se ao ler o artigo que se verifica uma mudança para o uso de uma nova plataforma, as viaturas. No entanto, o cavalo não é só uma plataforma de combate, é muito mais do que isso, é um elemento de formação, é um elemento cultural e o seu emprego militar pode ter outras vertentes que não a frente de combate convencional.

Mais tarde, em 1951, a Revista Proelium apresenta dois artigos distintos, um que realça a importância do cavalo, referindo três “mundos” a que este pode estar associado, nomeadamente, o seu relacionamento com o Homem, com a Guerra e com a Arte. Ademais, ao longo do artigo enaltece-se a sua existência e a importância da sua manutenção no Exército, devido à sua importância como elemento cultural. (Azeredo, 1951). O outro artigo expõe o que é ou como é um Homem com medo de cavalos, versa sobre as suas dificuldades e medos. Este artigo surge no âmbito do que eram as aulas de Equitação na Academia Militar, em que o que se procurava era ver apenas a destreza do Cadete, enquanto o Instrutor de chicote em punho criava condições adversas dentro do picadeiro, no sentido de colocar os Cadetes a tentar ultrapassar dificuldades contínuas em cima do Cavalo.

Este tipo de instruções foram utilizadas ao longo de anos e existe um conjunto de imagens (Anexo B) que nos mostram, efetivamente, os cadetes em dificuldades.

Este tipo de instrução trouxe consigo aqueles que vêm com “maus olhos” a Equitação Militar e, conseqüentemente, os tais elementos críticos. Isto resulta do facto de muitos formandos não terem aprendido nada e apenas terem posto a sua segurança em risco e, se não existir uma explicação nem um sentido de formação, na realidade a Equitação na Academia Militar deixa de ter interesse como elemento de formação.

Na verdade, se em outros tempos os excessos e a falta de objetivos do que se pretende alcançar com a Equitação Militar eram aceites, hoje em dia isso não é concebível.

A existência de um Exército profissional, a integração dos cursos da Academia Militar no processo de Bolonha e a escassez de recursos financeiros não só no Exército como no país, exige que cada coisa que façamos seja devidamente justificada e bem delimitada. Logo, e pelo facto de a Equitação Militar ser uma área tão particular, é importante que exista uma panóplia bem definida dos objetivos que se pretendem atingir para o desenvolvimento de líderes, comandantes de Homens e Mulheres.

1.2.4. Equitação Militar na Academia Militar das Agulhas Negras

Contudo, olhando agora para a Academia Militar das Agulhas Negras, um estabelecimento de Ensino do Exército Brasileiro que forma os Oficiais das Forças Terrestres do Brasil, é possível verificar que tem um sistema idêntico ao de Portugal no que toca à Equitação Militar como elemento de formação dos Cadetes.

Ministra uma formação bipartida como a nossa, ou seja, a Equitação Militar é dada de âmbito geral aos alunos do segundo ano e, posteriormente, no terceiro e no quarto anos é restrita ao curso de Cavalaria, uma vez que “tem por objetivo desenvolver valores e atributos inerentes à profissão militar tais como a autoconfiança, a decisão, a coragem, o equilíbrio emocional, a iniciativa e o entusiasmo profissional” (Filho, 2007, p. 40).

Não obstante, a Secção de Equitação pretende também que os Cadetes, depois do curso, continuem a montar a cavalo para manter o sistema formado entre alunos, participantes e formadores, sistema com ideologia idêntica à pretendida em Portugal.

No Exército Brasileiro, os Cadetes que praticam Equitação Militar têm como objetivos maximizar as capacidades na área do domínio afetivo segundo os atributos de: adaptabilidade, autoconfiança, coragem, decisão, equilíbrio emocional, flexibilidade, iniciativa, organização, persistência, e sensibilidade.

Quanto ao sistema de avaliação, este é feito de modo a avaliar cada um dos atributos em aulas específicas, tendo como lacuna o facto de a avaliação só ser feita uma vez. Assim, prejudica o Cadete no sentido em que no dia da avaliação, tanto o cavaleiro como o cavalo, podem não demonstrar de forma tão notória uma determinada atitude, prejudicando a avaliação do mesmo. (Filho, 2007).

CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

2.1. Introdução e contextualização da abordagem

O desenvolvimento deste trabalho providencia a necessidade de uma linha metodológica no âmbito da sua elaboração, de forma a responder à questão central: “Quais os objetivos a atingir através da Equitação Militar na formação dos futuros Oficiais do Exército e da Guarda Nacional Republicana, segundo as perspetivas dos Mestres e Instrutores da Academia Militar”.

Para tal, separamos os três maiores problemas para conseguir responder com clareza à questão central, através da análise das seguintes questões derivadas: “Quais os fatores que se tornam importantes para a formação dos futuros Oficiais do Exército/Guarda Nacional Republicana, que a Equitação Militar concede de forma tão distinta?”; “Quais os objetivos que se pretendem atingir com a Equitação Militar nos Cadetes do 2º ano?”; e “Quais os objetivos que se pretendem atingir com a Equitação Militar nos Cadetes do 4º ano de Cavalaria?”.

Na sequência deste pensamento foi realizada uma entrevista que auxilia a resposta das questões derivadas *supra* mencionadas, contando com um total de seis perguntas que concorrem de diferente forma para ajudar na resposta a cada uma das questões derivadas. Esta linha de pensamento vem referida no Apêndice C.

Aliado às entrevistas a que nos propusemos, apresentamos ainda uma análise documental no Capítulo 1 e no Capítulo 5, onde abordamos a Equitação Militar e os seus objetivos na Academia Militar.

Para término desta investigação foi elaborada uma análise através do método de observação, ao qual durante as aulas do segundo semestre do ano letivo 2015/2016, procuramos associar os objetivos aos diferentes níveis da Taxonomia de Bloom.

2.2. Tipo de abordagem metodológica

Em primeiro lugar, é necessário definir o método de investigação que vamos seguir, podendo este ser Qualitativo ou Quantitativo.

Relativamente ao tema que pretendemos tratar, o método que melhor se enquadra é o Qualitativo, que se define por “o investigador que utiliza o método de investigação qualitativo (...) observa, descreve, interpreta e aprecia o meio e o fenómeno tal como se apresentam, sem procurar controlá-los.” (Fortin, M. F., 2003, pág. 22). Isto acontece quando nos referimos a algo que se sente, que é vivenciado por quem o pratica, como é o caso da Equitação. Então, o domínio em que mais nos focamos é o afetivo, o qual tem como base o conhecimento tácito que não é quantificado, pois surge da experiência individual de cada um.

Neste âmbito, surge ainda a necessidade de definir um método de abordagem, neste caso, o método indutivo, isto é, “o método indutivo defende que na investigação se deve começar por uma observação para que, no final de um processo, se possa elaborar em teoria (...) o raciocínio indutivo faz-se do particular para o geral.” (Freixo, M. J., 2009, pág. 95-96).

Relativamente ao que caracteriza o método indutivo, temos de ter em especial atenção o facto de estarmos a utilizar uma das suas vertentes mais específicas, o método indutivo incompleto que “não deriva de seus elementos inferiores, enumerados ou provados pela experiência, mas permite induzir, de alguns casos adequadamente observados (sob circunstâncias diferentes, sob vários pontos etc.), e às vezes de uma só observação, aquilo que se pode dizer (afirmar ou negar) dos restantes da mesma categoria. Portanto, a indução científica fundamenta-se na causa ou na lei que rege o fenómeno ou facto, constatada em um número significativo de casos (um ou mais) mas não em todos. (Marconi & Lakatos, 2003, p. 88)”.

O que se acaba de expor aplica-se neste trabalho, pois a base de conhecimento que se vai explorar é o que cada um dos Mestres e Instrutores de Equitação Militar, que estiveram ou estão na Academia Militar, vão concebendo como objetivos a atingir com as suas instruções e com sua a experiência. Deste modo, partimos do caso particular, que é o que cada um pensa em relação a este assunto, de forma a chegar a uma situação geral em que todos os casos particulares entrem numa relação de complementaridade e consonância.

Quanto ao procedimento, este é estruturado segundo o método monográfico que “consiste no estudo de determinados indivíduos, profissões, condições, instituições, grupos ou comunidades, com a finalidade de obter generalizações, A investigação deve examinar o tema escolhido, observando todos os fatores que o influenciaram e analisando-o em todos os seus aspetos”. Assim, seguimos este procedimento, porque estamos a examinar um conjunto de indivíduos que desempenharam funções muito específicas no Exército,

enquanto Mestres/Instrutores de Equitação na Academia Militar e procuramos relacionar o que é proferido nas entrevistas, com o nosso método de análise. Após este relacionamento, através da observação das instruções ministradas atualmente, procuramos enfatizar e tornar mensurável o máximo possível cada um dos objetivos a alcançar no nosso método de análise.

A nível da investigação, quanto aos procedimentos técnicos, iremos abordar o Inquérito, que se define como sendo “exclusivos das ciências sociais e partem da premissa de que, se queremos conhecer algo do comportamento das pessoas, o melhor, o mais direto e o mais simples, é perguntá-lo diretamente a elas.

Trata-se portanto de requerer informação a um grupo socialmente significativo de pessoas acerca dos problemas em estudo, para logo, mediante uma análise do tipo quantitativo ou qualitativo, retirar as conclusões que correspondem aos dados recolhidos.” (Vilelas, 2009, pp. 133). Este método foi o escolhido pelo facto de estarmos a trabalhar segundo o conhecimento tácito de cada individuo e de forma a ser mais simples a qualificação de cada conhecimento que nos é transmitido.

A nível da Técnica de Investigação o método usado foi o inquérito por entrevista, sendo “importante referir é que em certas áreas ou domínios, é um fortíssimo instrumento de recolha de informação. Sobre esta técnica de recolha de dados, de larga utilização no âmbito da investigação social, são frequentemente identificadas na literatura as suas vantagens e limitações.” Marconi e Lakatos (2003, pp. 85-86) Estes autores, afirmam ainda que a entrevista apresenta as seguintes vantagens: pode ser usada em todos os segmentos da população; possui grande flexibilidade, permite a repetição, a reformulação e uma especificação das questões colocadas e do seu significado; permite a avaliação e o registo de reações, de gestos e do comportamento do inquirido (entrevistado); possibilita a obtenção de dados não disponíveis noutras fontes; permite obter informação mais precisa; permite a quantificação e o tratamento dos dados.

Por sua vez, apontam também desvantagens à entrevista como técnica de recolha de dados, designadamente: ocorrência de dificuldades de expressão e de comunicação; problemas de interpretação das questões por parte do informante; possibilidade de influência do entrevistador sobre o entrevistado; dificuldade em garantir o anonimato; tempo de demora da aplicação da técnica, incompatível com amostras numerosas, etc.

Todavia, a evolução tecnológica tem permitido a disponibilização de um conjunto mais alargado de recursos que permite, hoje, eliminar ou, pelo menos minimizar, parte destes inconvenientes. A entrevista é uma técnica bastante exigente ao nível da sua

aplicação que requer, antecipadamente, segundo Pardal e Correia, o conhecimento e a clarificação das teorias existentes sobre o objeto de estudo; a elaboração de um sistema concetual; e a definição das variáveis a operacionalizar (1995, pp.64).

Mas esta técnica exige ainda outros cuidados prévios e, em concreto, um aprofundado trabalho de planeamento. Tais cuidados devem pautar-se por abarcar todas as fases da entrevista, desde a sua preparação prévia até ao momento posterior à sua aplicação.

José Vilelas releva os cuidados a ter antes, durante e depois da entrevista. Antes, surge a necessidade de definir os objetivos, a construção do guião, a escolha dos entrevistados e a sua preparação. Durante a entrevista será essencial colocar a questão inicial; saber escutar; confirmar, controlar o fluxo de informação, dar *feedback* através do resumo dos conteúdos falados, evitar informações gerais por parte do entrevistado, usar a técnica de *Kinsey* (olhar o entrevistado nos olhos e colocar a pergunta sem rodeios) e enquadrar as perguntas difíceis. No final, devem registar-se os comportamentos observados no informante e os dados acerca do ambiente onde decorreu a entrevista.” (IESM, 2014, pp.14).

Após o método de abordagem, anteriormente descrito, segue-se o método de observação. Neste tratamos de uma observação não participante em que o observador “não se deixa envolver pelas situações; faz mais o papel do espectador. Isso, porém, não quer dizer que a observação não seja consciente, dirigida, ordenada para um fim determinado.” (Marconi & Lakatos, 2003, pp.193).

2.3. Modelo de análise

Nesta fase da investigação pretende-se definir de que forma e com que base teórica podemos analisar a recolha de dados, no fundo, pretende definir-se de que modo se pode analisar toda a informação no sentido de delimitar os objetivos a atingir com a Equitação Militar na Academia Militar.

Esta análise tem na sua génese, por sua vez, uma pergunta de partida que consiste em saber: Quais os objetivos a atingir através da Equitação Militar na formação dos futuros Oficiais do Exército e da Guarda Nacional Republicana, segundo as perspetivas dos Mestres e Instrutores da Academia Militar?

O modelo de análise a que nos propusemos é feito segundo a Taxonomia de Bloom, tendo em conta os domínios que a integram: cognitivo, afetivo e psicomotor.

No seguimento do que já foi dito anteriormente, em cada domínio temos níveis a atingir, sendo que não podemos atingir o nível seguinte sem ter culminado com aproveitamento positivo o anterior. Os níveis dos diferentes domínios são:

- Domínio Afetivo: Recetividade, Resposta, Valorização e Caracterização;
- Domínio Psicomotor: Imitação, Manipulação, Articulação e Naturalização;
- Domínio Cognitivo: Conhecimento, Compreensão, Aplicação, Análise, Síntese e Avaliação.

Desta forma, a análise realizada pretendeu definir os objetivos com base nas entrevistas feitas, em consonância com documentação referente a esta temática e, posteriormente, através de uma rigorosa análise desses mesmos objetivos, nos termos dos diferentes Domínios da Taxonomia de Bloom, por meio da observação direta. Para tal foi necessário assistir a um conjunto de instruções, tanto de segundo ano como de quarto ano dos alunos da Academia Militar, para delinear que nível se consegue atingir dentro de cada Domínio, de forma a ser possível observar como se desenvolvem as aulas e como são exponenciados os objetivos nos diferentes Domínios.

Cada um dos níveis, repita-se, apresenta características e dificuldades próprias e se estas não forem devidamente compreendidas e corretamente ultrapassadas, mais difícil ou até mesmo impossível, se torna a passagem para o nível seguinte, que apresentará características mais intrínsecas e uma maior dificuldade. (Apêndice B - Taxonomia de Bloom – Domínios)

2.4. Fase metodológica da investigação

A investigação levada a cabo compreendeu três fases:

A primeira foi de estudo e procura de pesquisa documental a qual se revelou deveras escassa, pouco coerente e com pouco conteúdo informativo. Logo, podemos concluir que o estudo da Equitação enquanto potenciador de valores e qualidades de comando e liderança, é um assunto pouco referido dada a especial dificuldade na transcrição do conhecimento intelectual e experiencial para formato escrito, informativo e palpável.

A segunda fase foi caracterizada pelos inquéritos por entrevista em que através de um inquérito feito a todos os mestres e instrutores de Equitação Militar que estiveram na Academia Militar e que se encontraram disponíveis para abordar este assunto se procurou

um ponto de equilíbrio e encontrar o que de mais importante cada um definiu e utilizou para pautar as suas instruções.

A terceira fase passou pela associação dos objetivos definidos pelas perspectivas dos Mestres e Instrutores com o modelo de análise que se baseia na Taxonomia de Bloom, nos três domínios definidos e nos diferentes níveis que cada um tem.

2.5. Instrumentos de recolha de dados

A recolha de dados foi feita através de entrevistas a diferentes elementos, com duração ilimitada e as quais foram marcadas e realizadas em locais definidos pelos respetivos entrevistados, em território nacional.

Esta recolha passou também pela observação visual de aulas de Equitação do segundo e quarto anos no ano letivo 2015-2016, com a total colaboração do instrutor presente na sessão.

2.6. Inquéritos por Entrevistas

Um modelo a que nos propusemos para a recolha de dados, foi o inquérito por entrevista.

O tipo adotado foi o da entrevista padronizada ou estudada, que pode ser definida como, “aquela em que o entrevistador segue um roteiro previamente estabelecido; as perguntas feitas ao indivíduo são predeterminadas. Ela se realiza de acordo com um formulário elaborado e é efetuada de preferência com pessoas selecionadas de acordo com um plano” (Marconi & Lakatos, 2003, p. 196), neste caso, os Mestres e Instrutores de Equitação que lecionaram na Academia Militar e que aceitaram ser entrevistados.

Para tanto, fizemos um inquérito por entrevista a cada Mestre e Instrutor que se disponibilizou a responder. Resultou o número de 8 personalidades que aceitaram responder à entrevista (Apêndice A) num total de 22 personalidades.

CAPITULO 3 – MÉTODOS E MATÉRIAS

3.1. Contexto de Observação

Com o término do Enquadramento Teórico, através do qual adquirimos os alicerces teóricos que nos permitiram passar à fase inicial do trabalho de campo, onde definimos a forma, o número de elementos e procedemos ao tratamento de dados dos inquéritos por entrevista. Toda a observação feita teve por base relacionar os objetivos da Equitação Militar com os diferentes Domínios da Taxonomia de Bloom.

As entrevistas foram feitas aos Mestres e Instrutores que passaram pela Academia Militar, enquanto formadores de Equitação e que tiveram a disponibilidade de responder às perguntas colocadas.

É importante ter em consideração que se está a analisar o pensamento de diferentes gerações, um conjunto de Oficiais que vivenciou circunstâncias diferentes na Academia Militar. Houve tempos em que a EM que hoje é ministrada no segundo ano era lecionada no primeiro, houve ainda uma altura em que a EM era dada os quatro anos. Não obstante, existiram momentos em que EM era apenas uma Atividade Circum-Escolar (ACE), e aqui a Força Aérea e a Marinha tinham o primeiro ano juntamente com a Academia Militar, na Amadora.

Então, podemos concluir que as vivências dos Mestres e Instrutores foram diferentes, mas a base foi a mesma. No caso de o entrevistado ter vivido momentos diferentes dos que vivemos hoje na EM, essa situação é referida no início da entrevista, e questiona-se quais os objetivos que se pretendiam alcançar naquela altura especificamente.

3.2. Método e técnica de recolha de dados

O método de obtenção de dados utilizado é a entrevista, esta “tem como objetivo principal a obtenção de informações do entrevistado, sobre determinado assunto ou problema”. (Marconi & Lakatos, 2003, p. 195)

Isto concretizou-se efetivamente através da entrevista aos vários Mestres e Instrutores de Equitação Militar que foram formadores na Academia Militar e que se demonstraram disponíveis para tal, contribuindo assim para a obtenção de informações.

O objetivo primordial das entrevistas realizadas, de entre os seis tipos de objetivos possíveis, é a determinação das opiniões sobre os “factos”, ou seja, saber o que as pessoas pensam ou acreditam sobre certo facto que tenham vivenciado, nesta Instituição, mais especificamente, saber a sua opinião relativamente aos objetivos que se pretendem atingir com a Equitação Militar na Academia Militar.

Quanto ao tipo de entrevista esta é padronizada, “é aquela em que o entrevistador segue um roteiro previamente estabelecido; as perguntas feitas ao indivíduo são pré-determinadas.

Ela realiza-se de acordo com um formulário elaborado e é efetuada de preferência com pessoas selecionadas de acordo com um plano.” (Marconi & Lakatos, 2003, p. 196)

3.3. Procedimento de amostragem

Neste ponto há que referir em primeira instância que “a amostra é uma parcela convenientemente selecionada do universo (população), é um subconjunto do universo.” Sendo assim numa população de 22 elementos foram entrevistados 9, entre os quais, no momento em que lecionavam Equitação na Academia Militar 4 eram Instrutores, 4 Mestres e um elemento esteve na AM enquanto Instrutor e posteriormente como Mestre.

Quanto à amostra das observações foram analisadas as turmas de 2º ano no aquartelamento da Amadora e as turmas de cavalaria na sede da Academia Militar. Na Amadora foram observados 57 alunos e em Lisboa foram observados 15 alunos em instruções de Equitação Militar.

3.4. Tratamento de análise de dados

A análise de dados é feita no sentido de importar das entrevistas os excertos que melhor respondam à pergunta colocada. Depois de reunidos todos os excertos mais apropriados à nossa finalidade, procuramos criar um quadro onde se exponha o conjunto total de excertos que mais se adequam a cada uma das perguntas. No seguimento de cada um dos quadros segue-se a interpretação de cada uma das perguntas.

Posteriormente, esses mesmos dados são tratados de forma a responder a cada uma das Questões Derivadas, onde se verifica uma relação entre as informações obtidas nas diferentes perguntas no sentido de a resposta à Questão Derivada ser o mais direta, precisa e concisa possível (Apêndice C).

Os dados obtidos são relacionados com os Domínios da Taxonomia de Bloom e após as várias observações passam a ser relacionados com cada um dos Níveis dentro dos diferentes Domínios (Apêndice D).

CAPÍTULO 4 – RESULTADOS

4.1. Nota Introdutória

Neste quarto capítulo dedicado aos resultados procuramos através das entrevistas num conjunto de seis perguntas, saber o que os Mestres e Instrutores pensam sobre a Equitação Militar, os objetivos a atingir e as vantagens que se podem retirar desta disciplina.

Para a análise de cada pergunta temos um quadro onde são referidas as principais ideias de cada entrevistado para responder às perguntas que propusemos. Cada um dos entrevistados está referenciado com o código “FT__” e o respetivo número atribuído, segundo a sequência das entrevistas.

Na análise das questões, não se procura encontrar o que há de comum em todas as entrevistas, mas as contribuições de cada uma delas, particularmente, no sentido de melhorar a Equitação Militar.

A transcrição na íntegra das entrevistas seguem no CD - ROM disponibilizado juntamente com o documento

4.2. Análise de resultados

4.2.1 Análise da Pergunta n.º 1

No quadro n.º 4 (Apêndice E) apresentamos a resposta de cada um dos entrevistados à pergunta n.º 1 – “Para si, e tendo em conta as condições atuais, quais os fatores que se tornam importantes para a formação dos futuros Oficiais do Exército/Guarda Nacional Republicana, que a Equitação Militar concede de forma diferente de todas as outras formas de formação?”.

Através do quadro referente a esta pergunta (Apêndice E), onde surgem os excertos que melhor refletem as ideias dos entrevistados, podemos concluir que a Equitação Militar proporciona uma realidade diferente das restantes formações dentro da Academia Militar, uma vez que tem como base o cavalo.

Um ser vivo que coloca as pessoas perante situações distintas das que se vivem no dia-a-dia da Academia Militar, obrigando os Cadetes a:

1. Ter um controlo emocional em todas as instruções;
2. Lidar com um ser vivo com vontade própria e que não é obrigatoriamente o mesmo em todas as instruções;
3. Utilizar uma linguagem não-verbal, uma linguagem muito própria entre dois seres vivos completamente diferentes para que tenham vontades consonantes;
4. Adaptarem-se constantemente ao cavalo que têm nas instruções e a sua forma de ser;
5. Manter o sangue frio de forma a manter a segurança e a tomar decisões o mais corretas e conscientes possíveis;
6. Ter desembaraço nos momentos em que não sabem como atingir um determinado fim ou manter a segurança, o que força a necessidade de fazer o que está ao seu alcance e o melhor que sabem;
7. Ter destreza em momentos de dificuldade sem nunca desistir;
8. Ter autocontrolo para não deixar o stress tomar conta de si;
9. Ter disponibilidade física e mental para ultrapassar as dificuldades;
10. Raciocinar de forma rápida para responder a todas as dificuldades em tempo oportuno.

Por outro lado, as pessoas que têm Equitação Militar possuem algumas vantagens em relação às outras porque ganham qualidades de comando, melhoram as capacidades psicomotoras, melhoram a capacidade de liderança, a sua assertividade, passam a ter um maior controlo emocional sob stress e ganham autocontrolo.

A Equitação Militar para além de todas as qualidades que traz aos cadetes é ainda um marco cultural, não só da Academia Militar mas de todo o Exército e que vê bem vincada a sua presença nesta instituição.

Convém ainda frisar que toda a instrução de Equitação Militar na Academia Militar e no Exército é para todos, não se restringe à arma de Cavalaria, sendo apenas a arma fiel depositária do cavalo e de todo o conhecimento intrinsecamente associado.

4.2.2 Análise da Pergunta n.º 2

O quadro n.º 5 (Apêndice F) apresenta a resposta de cada um dos entrevistados à questão n.º 2 – “Que tipo de formação exercia e o que pretendia atingir com a Equitação Militar na Academia Militar?”.

Para responder à segunda questão os entrevistados referiram como era a instrução durante o seu tempo de Cadetes, o que procuravam e o que devia ser melhorado, com isto, podemos reter que antigamente as aulas de Equitação eram baseadas no desembaraço, na destreza e na coragem dos Cadetes, pois o instrutor procurava ver a forma como estes se aguentavam em cima do cavalo.

Os alunos que vinham já com preparação antecedente, ou seja, que já tinham praticado equitação eram considerados os melhores porque detinham mais destreza, coragem e desembaraço. No entanto, por vezes, tal facto não correspondia à verdade, uma vez que o que tinham era mais ferramentas a nível equestre que os permitia controlar melhor os animais.

De resto, a Equitação na AM não tinha objetivos definidos, não tinha uma linha orientadora e uma das carências verificadas era precisamente a falta de formação sobre o modo como devia ser dada a Equitação Militar na AM durante o curso de Instrutores e de Mestres. Assim, os instrutores acabam por fazer apenas o que lhes era feito, entrando assim num ciclo vicioso em que não existe progresso, criatividade e qualidade na Instrução.

Com o decorrer do tempo passou a existir uma grande pressão externa no sentido de que a EM para que exista e tenha justificação tem de ser ministrada de forma mais coerente. Deste modo, os Mestres e Instrutores que foram formadores na AM e que agora entrevistamos referem que nas suas instruções as maiores preocupações eram/são:

1. Ter o maior número de Cadetes a montar a cavalo;
2. Que a Equitação seja para todos os Cadetes e não restrita aos alunos da arma de Cavalaria;
3. Despoletar de reações nos cadetes como desembaraço;
4. Colocação em sela de forma a garantir a segurança do cavaleiro;
5. Fornecer os princípios básicos da EM: Flexibilidade, Equilíbrio, Solidez, À vontade e Ligação ao movimento;
6. Autodisciplina dos alunos para maior controlo do cavalo e posterior maior controlo de toda a turma;

7. Aumentar a autoestima dos alunos ao superar dificuldades que nunca acreditaram ultrapassar;
8. Criar dificuldades dentro e fora do picadeiro;
9. Criar a capacidade de superar os seus próprios medos.

Para tal os instrutores mencionam que o que faziam ou fazem é:

1. Ensinar para cativar;
2. Aulas práticas e com teoria, mas sempre a cavalo;
3. Manter os níveis de segurança bem controlados e que a falta de segurança (aparente) seja propositada;
4. Ensinar a limpar, aparelhar, tratar da cama do cavalo e verificar o estado de saúde do animal;
5. Levar os alunos para o exterior para sentir a dificuldade da falta de paredes, a dificuldade do terreno variado e as ações do exterior que influenciam o cavalo na sua forma de estar;
6. Criar situações de risco (controlado) de forma a ultrapassar dificuldades e medos.

Desta feita, os entrevistados referem que estas eram e são as linhas pelas quais se regeram ou regem na formação dos Cadetes, tanto no segundo ano como no quarto ano, sendo que a instrução geral existente hoje no segundo ano curricular, em certos momentos foi dada no primeiro ano, conhecido como o ano de instrução geral/comum.

4.2.3 Análise da Pergunta n.º 3

O quadro n.º 6 (Apêndice G) apresenta a resposta de cada um dos entrevistados à questão n.º 3 – “Sabendo que a Equitação Militar hoje na Academia Militar tem dois momentos de formação sendo dado no 2º ano, uma formação geral a todos os cursos, que objetivos se procura atingir com esta formação?”.

Nesta questão procurou perceber-se a forma como percecionavam os formadores as aulas dadas ao segundo ano da AM, aulas estas dirigidas a todos os alunos, independentemente da sua arma ou serviço. Trata-se, portanto, de uma formação geral e abrangente a todos os cursos.

Esta instrução em alguns anos foi dada no primeiro ou no segundo ano, atualmente é dada no segundo ano.

A análise feita dividiu-se em três pilares: o formador, a aula e o cadete.

O formador deve ter como principais preocupações:

1. A segurança do animal e do cadete, pois se este tiver um acidente grave pode comprometer a sua continuidade no curso;
2. Manter criatividade para que as aulas não entrem em monotonia e sejam cativantes para os cadetes;
3. Seguir linhas orientadoras para não fugir aos objetivos previamente definidos;
4. Ter a atenção e o cuidado de não “criar” cadetes, futuros oficiais, adversos à EM. Pretende-se que, mesmo que estes não gostem de Equitação fiquem a perceber a verdadeira razão da sua instrução.

Quanto à aula e a toda a sua envolvente, os instrutores apontam como principais preocupações a ter:

1. Ser possivelmente o primeiro e único contacto de muitos cadetes com o cavalo;
2. O facto de ser uma formação complementar para os futuros Oficiais do quadro permanente e que esta mesma instrução não só permita melhorar a sua forma de ser enquanto comandantes, mas também enquanto pessoas;
3. Colocação em sela para manter a segurança e para maior conforto e gosto dos Cadetes pela instrução;
4. Ter presente que é neste momento que se inicia parte do Sistema de Equitação Militar em que o aluno, possível praticante, pode vir a ser formador de novos Cadetes alunos da AM;
5. Ser explícito relativamente ao que se pretende, para que perceba o porquê das instruções e, como tal, esteja mais predisposto a situações que à partida lhe possam parecer erradas;
6. A EM apresenta características diferentes da formação exercida no mundo civil, em que por vezes tem de existir a falta de controlo do aluno para o colocar em situações adversas e este ser capaz de as superar, coisa que não acontece de forma geral no mundo equestre civil devido à sua vertente comercial.

Por fim, o Cadete tem aos olhos dos formadores de conseguir:

1. Reagir perante situações adversas onde se encontrem perante a incerteza, a falta de controlo, o risco e o medo;
2. Tornar-se mais humilde, pois mesmo que consigamos ultrapassar as dificuldades com um cavalo, com outro diferente pode já não ser possível e isso coloca-nos outra vez em posições desconfortáveis, que só são superáveis com humildade;

3. Ter autoestima, confiança, capacidade de raciocínio em situações adversas, autodisciplina e espírito de sacrifício;

Estar consciente das informações que o formador e o cavalo lhe vão transmitindo e tomar as suas decisões de forma rápida e oportuna, característica esta importantíssima num oficial, e que o cavalo permita a sua exploração de forma única.

4.2.4 Análise da Pergunta n.º 4

O quadro n.º 7 (Apêndice H) apresenta a resposta de cada um dos entrevistados à questão n.º 4 – “Sendo a equitação do 4º ano como formação curricular restrita aos cursos de cavalaria, o que se pretende que aprendam e que objetivos se podem definir para tal?”.

A instrução dada no quarto ano apresenta várias particularidades. Primeiro, o facto de ser ministrada como formação curricular somente aos alunos da arma de Cavalaria; segundo porque houve um ano de interregno, em que não sendo obrigatório, muitos deles acabam por não as ter durante um ano e; em terceiro e último, por esta formação ser um extra na carga horária dos alunos de cavalaria em relação aos alunos das restantes armas e serviços.

Assim, para os formadores a Equitação passa por:

1. Consolidar e, se possível melhorar, o que foi dado no segundo ano na Equitação Militar de âmbito geral a todos os cursos;
2. Desenvolver a “Arte Equestre” melhorando os cadetes na sua equitação;
3. Continuar as aulas com a vertente militar, de ordem unida, parada e em movimento;
4. Atingir o nível necessário para a consecução do exame de Sela 4 da Federação Equestre Portuguesa;
5. Avançar o máximo possível a nível desportivo.

Quanto aos cadetes pretende-se despoletar a vontade de vencer e a ambição, e para tal o entrar em provas desportivas potencia estas mais-valias.

Quanto aos formadores as principais preocupações a ter com o quarto ano são:

1. Pensar que os alunos de hoje são os fiéis depositários da EM de amanhã;
2. Levá-los a ser possíveis “Homens de cavalos”;
3. Ter em atenção que não se pretende que os cadetes adquiram capacidades que lhes permitam elevar ao Grau de Instrutor ou mesmo de Mestre;

4. Fazer com que os Cadetes criem laços afetivos com o cavalo que os acompanha durante o quarto ano (que deve ser o mesmo), de forma a preocuparem-se e a zelarem pelo seu bem-estar e a sua saúde.

4.2.5 Análise da Pergunta n.º 5

O quadro seguinte, quadro n.º 8 (Apêndice I), apresenta a resposta de cada um dos entrevistados à questão n.º 5 – “De que forma o acompanhamento da Equitação Militar na formação dos futuros Oficiais ao longo dos 4 anos de Academia Militar os pode influenciar?”.

A instrução de EM durante os 4 anos traz vantagens para os cadetes pois:

1. Dá-lhes mais tempo para melhorar e evoluir, passando a existir mais alunos a praticar Equitação e, conseqüentemente, mais alunos a compreender o sentido e razão de ser da EM.

Por outro lado, as instruções são dadas de forma mais calma, metódica e com bases bem definidas, o que permite que se pratique uma melhor formação.

2. Cria condições para a continuação da prática de Equitação, coisa que não se verifica na formação de âmbito geral de EM, a qual só começa no segundo ano e que faz com que existam alunos que só tenham contacto com o cavalo, pela primeira vez, no segundo ano, o que contribui para a perda da oportunidade de praticar mais um ano.

As vantagens diretamente ligadas ao cadete são;

1. A ligação afetiva a um animal;
2. Iniciativa para várias ações distintas, nomeadamente o ir montar, o estar predisposto a fazer coisas diferentes e a consecução de objetivos a que se propõe em cima do cavalo.
3. A sensibilidade adquirida ao compreender os limites do cavalo, sendo que tal só é possível se houver ligação ao animal, sentimento de responsabilidade e que, na confrontação com os limites do mesmo, não o ponhamos em risco.

Tudo isto só é possível e vantajoso se:

1. Abrirmos a porta a todos os alunos, pois a EM só tem a ganhar em ter alunos de todas as armas ou serviços a montar;

2. Desmitificarmos que a Equitação é restrita à arma de Cavalaria;
3. Se iniciar logo no primeiro ano, de forma a existir uma continuidade de, pelo menos, quatro anos.

4.2.6 Análise da Pergunta n.º 6

O quadro n.º 9 (Apêndice J) mostra a resposta de cada um dos entrevistados à questão n.º 6 – “Quais são as mais-valias que a Equitação Militar tem na formação dos futuros Oficiais do Quadro Permanente que mais nenhuma outra forma de formação traz?”.

Nesta última pergunta, procurámos que os formadores concluíssem a sua entrevista referindo as principais vantagens que (a formação com) o cavalo traz, que diferem das restantes formações, especificamente:

1. Tem vontade própria, logo, obriga-nos a tomar decisões, a ter ação de comando e liderança, algo que nos vai acompanhar e ser deveras útil ao longo da vida enquanto comandantes de Homens;
2. Potencia o medo, a insegurança e a rigidez física e mental, facultando ao instrutor uma imagem de como será cada formando perante situações idênticas. Esta perceção é fundamental para que possamos formar o melhor possível os nossos futuros oficiais;
3. Cria no Cadete defesas anti-stress, descontração, calma e autodisciplina, características essenciais num comandante, uma vez que este tem de conseguir pensar e tomar decisões em condições hostis, de stress;
4. Proporciona em instruções de curta duração, entre os 45 e os 55 minutos, dificuldades extremas, levando o cadete ao limite, ou seja, deixando-o exposto a altos níveis de stress, cansaço físico e psicológico, algo que não é possível de forma tão intensa em qualquer outra instrução na Academia Militar;
5. Torna as nossas decisões obrigatoriamente imediatas, visíveis e consequentes, dando tanto ao formador como ao formando a possibilidade de ver as decisões tomadas pelo Cadete.

Assim, verifica-se a importância da manutenção deste tipo de instrução, tão única e com características que se adequam perfeitamente na AM, devido à especificidade da sua formação, formar Oficiais do Quadro Permanente e ao tempo escasso para a formação no dia-a-dia do cadete.

CAPÍTULO 5 – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

5.1. Discussão de resultados da Q.D.1.

A questão que se coloca - “Quais os fatores que se tornam importantes para a formação dos futuros Oficiais do Exército/Guarda Nacional Republicana que a Equitação concede de forma diferente de todas as outras formas de formação” -, traz a necessidade de uma análise global das mais-valias e das diferenças deste tipo de formação, mas também uma análise dos valores que podem ser incutidos ou exponenciados pela Equitação Militar.

A Equitação Militar tem como maior particularidade o cavalo, um ser vivo (referência comum ao Regulamento de Equitação Militar e aos entrevistados), que “Não é um instrumento que obedeça mecanicamente às mãos do operador” (REM). Como qualquer ser vivo tem vontade própria, obrigando-nos a convencê-lo a executar uma vontade nossa através de uma linguagem não-verbal.

Há ainda que ter em atenção o facto de o cavalo ser mais do que um animal. Para o Exército é um elemento cultural, porque fez, faz e possivelmente continuará a fazer parte do Exército Português, sem nunca se afirmar que o cavalo e a Equitação Militar estão limitados ou restritos à arma de Cavalaria, a qual apenas tem a missão de ser o seu fiel depositário.

Contudo, no âmbito do domínio dos valores que se pretendem obter ou exponenciar com a EM convém, antes de tudo, perceber que este animal exige uma preocupação antes, durante e depois da sua “utilização” e que tal deve ser tido sempre em conta no dia-a-dia de qualquer militar. Isto é, o militar deve ter consciência que para a “utilização” de um material, animal ou subordinado, tem de se preocupar com este antes, durante e depois do seu empenhamento, pensamento que na arma de Cavalaria é incutido de forma permanente.

Por este motivo, os valores incutidos através da Equitação Militar que se encontram em consonância com o REM e os Entrevistados e o relatório Redução de Montadas de Instrução no Exército (2001) são: Autodomínio, Coragem, Autoconfiança, Espírito de Sacrifício, Humildade, Responsabilidade, Coordenação Psicomotora, Destreza, Desembaraço, Capacidade de raciocínio e reação imediata a novas situações e Gosto pelo risco.

Nos termos do REM há ainda a acrescentar a Perseverança, Respeito e a Interação com o ambiente.

Através dos Entrevistados também foram realçados valores como: a Liderança, a Assertividade, a Ação de Comando, a Disciplina, a Sensibilidade, e a Iniciativa.

O relatório de Redução de Montadas de Instrução do Exército acrescenta a importância do Aprumo e Espírito de luta aos demais.

5.2. Discussão de resultados da Q.D.2.

Em relação à segunda questão derivada - “Quais os objetivos que se pretendem atingir com a Equitação Militar nos Cadetes do 2º ano?” - após a análise verifica-se, segundo os entrevistados, que o que se pretende promover nos Cadetes do segundo ano é o Desembaraço, a Coragem, o Autocontrolo, o Espírito de Sacrifício, a Capacidade de Raciocínio, a Destreza, a Disciplina e a Confiança. Para tal as aulas de G1 e a criação de situações de incerteza, falta de controlo, risco, medo e insegurança ajudam a exponenciar os valores acima referidos.

Para maior segurança e controlo da instrução também se pretende uma boa colocação em sela do Cadete nos três andamentos.

Segundo o REM, as características que se pretendem são: o Desembaraço, a Coragem, o Autodomínio, a Autoconfiança, a Autoestima e a Capacidade de decisão. No entanto, para tal o instrutor deve preocupar-se nas instruções com a colocação em sela, a independência do Cadete nos três andamentos e a capacidade de atingir os objetivos definidos para a Sela 2.

Desta forma, conjugando as duas vertentes de abordagem desta temática referente aos Cadetes de segundo ano, pelo lado das perspetivas dos entrevistados e com o apoio documental do REM fizemos a sua relação com a observação de aulas, onde foram analisados esses mesmos objetivos segundo os diferentes níveis que se podem atingir em cada domínio (Apêndice D). Com base nos três domínios da Taxonomia de Bloom, os objetivos a atingir são definidos da seguinte forma:

1. No Domínio Afetivo pretende promover-se: o Desembaraço físico, a Coragem, o Autodomínio, a Autoconfiança, o Espírito de sacrifício, a Capacidade de raciocínio, a Destreza, a Disciplina, a Autoestima e a Capacidade de decisão. Todas estas valências são orientadas para a Ação de Comando, sendo que o

pretendido neste Domínio é que todos cheguem ao nível da resposta, onde demonstram estas mesmas capacidades. A evolução será sempre maior, quanto mais tempo tiverem a cavalo e forem sujeitos a diferentes situações.

2. No Domínio Psicomotor, importa denotar que no nível mais básico temos a Imitação, onde é desenvolvida a Ordem Unida sem arma a cavalo e com o cavalo à mão; ao nível da Manipulação contamos com um conjunto de situações adversas causadas durante a instrução; ao nível da Adaptação são desenvolvidas instruções que têm como fundamento a colocação em sela, as instruções de G1 e G2, o equilíbrio nos três andamentos e a condução autónoma do cavalo.

Ao nível da Sela 2 que, se torna também um objetivo definido pela Federação Equestre Portuguesa, e é adotado pelo REM como objetivo último a alcançar no segundo ano da AM. Na ótica da Taxonomia de Bloom a sua estruturação é feita em três grandes níveis, a que podemos chegar nas instruções, nomeadamente: a Manipulação, a Articulação e a Naturalização.

Quanto à Manipulação temos:

- a. Passo

Estabilizar o equilíbrio sentado.

- b. Trote

Procurar o equilíbrio sentado;

Procurar o equilíbrio no trote levantado.

- c. Galope

Procurar o equilíbrio sobre os estribos;

Descobrir o equilíbrio sentado;

Procurar o equilíbrio sobre os estribos em cima de cavaletes.

Relativamente à Articulação, que se encontra num nível de dificuldade acima do anterior, contamos com:

- a. Passo – Conduzir o cavalo;

- b. Trote – Conduzir o cavalo e fazer círculos largos com este;

- c. Galope – Manter o andamento.

O maior nível de dificuldade é o nível da Naturalização. Aqui pretende-se a mudança de andamentos a partir do passo, trote e galope no sentido ascendente e descendente.

3. No Domínio Cognitivo, por um lado, o nível mais baixo é o conhecimento, tornando-se necessário saber:

- a. Principais características comportamentais do cavalo;
- b. Necessidades básicas do cavalo;
- c. Abordar um cavalo;

Por outro, o nível mais alto a atingir neste domínio é a aplicação do conhecimento (nível mais baixo) através dos objetivos seguintes:

- a. Por um cabeção no cavalo;
- b. Conduzir um cavalo à mão;
- c. Tirar e por o material do cavalo (aparelhar e desaparelhar);
- d. Efetuar as atividades de limpeza do cavalo;
- e. Efetuar limpeza do material.

Após realizada a análise, segundo a Taxonomia de Bloom estão definidos os objetivos a atingir no segundo ano nos três domínios do saber (Apêndice D).

5.3. Discussão de resultados da Q.D.3.

Para responder à questão derivada - “Quais os objetivos que se pretendem atingir com a Equitação Militar nos cadetes do 4º ano de Cavalaria” - procedeu-se da mesma forma que na Questão Derivada nº 2, onde comparámos o que identificaram os entrevistados como objetivos, com o que está explanado no REM e procuramos articular o melhor de dois mundos.

Segundo os entrevistados, o que aqui se pretende é consolidar o que foi lecionado no segundo ano ao nível dos valores e, se possível, fomentar mais três: a Responsabilidade, a Ambição e a Vontade de vencer.

Para tal, aos olhos dos entrevistados, é pertinente a continuação da Ordem Unida sem arma a cavalo ou com o cavalo à mão, a colocação em sela, as aulas de G1 e de G2, a colocação dos Cadetes em situações adversas e, agora também, atingir os objetivos definidos para a Sela 4 e a consecução das provas militares durante o ano letivo.

O aluno do quarto ano como tem um cavalo que o acompanha durante o ano letivo, deve ter uma preocupação diária com a condição física e psicológica do animal.

Nos termos do REM, o que se pretende com a instrução no quarto ano é a preservação do conhecimento equestre militar e o gosto pela prática da equitação.

Para isso, as instruções devem ser com base na Ordem Unida sem arma a cavalo ou com o cavalo à mão, a colocação em sela, a condução do cavalo, o trabalho de controlo e

obediência do cavalo, a postura e eficácia no emprego das ajudas pelo Cadete, mas e muito importante, atingir os objetivos da Sela 4, o trabalho em escola, o trabalho isolado e, se possível, a ida a estágios definidos pelo instrutor como mais-valia.

Através do que se acaba de referir, verificamos que no segundo ano de formação os objetivos eram idênticos somente com pequenas diferenças. Por seu turno, no quarto ano são visíveis grandes diferenças e no próprio REM encontramos uma abordagem mais voltada para a manutenção do Sistema de Equitação Militar com vista à preservação da EM. Além de que, entre os entrevistados, é nítida a preocupação continua com os valores militares incutidos, acrescentado mais três (Responsabilidade, Ambição e Vontade de vencer) e com a participação dos Cadetes nas provas militares.

Portanto, conjugando as duas vertentes de abordagem da temática referente aos Cadetes de quarto ano, a vertente das perspetivas dos entrevistados e a vertente baseada no apoio documental do REM fizemos a sua relação com a observação de aulas onde foram analisados esses mesmos objetivos segundo os diferentes níveis que se podem atingir em cada domínio (Apêndice D).

Assim, se juntarmos o melhor de dois mundos e procedermos à sua análise segundo a Taxonomia de Bloom, concluímos que no Domínio Afetivo ao nível da recetividade e da resposta encontramos os seguintes valores: Desembaraço Físico, Coragem, Autodomínio, Autoconfiança, Espírito de sacrifício, Capacidade de raciocínio, Destreza, Disciplina, Autoestima, Capacidade de decisão, Responsabilidade, Ambição e Vontade de vencer. Importa referir que todos estes valores são dirigidos à Ação de Comando dos futuros Oficiais do Quadro Permanente do Exército e da Guarda Nacional Republicana.

No nível mais elevado do Domínio Afetivo, ou seja, na Valorização, os alunos do quarto ano, devem alcançar o gosto pela prática da Equitação e a preservação do conhecimento da Equitação Militar, e vê-los como objetivos primordiais.

No Domínio Psicomotor à semelhança do Domínio Afetivo a divisão dos objetivos será feita segundo os diferentes níveis de dificuldade, nos termos da Taxonomia de Bloom. Portanto, ao nível da Imitação está a Ordem Unida sem arma a cavalo ou com o cavalo à mão, a capacidade de ultrapassar situações adversas, o trabalho de controlo e obediência do cavalo e a postura e eficácia no emprego de ajudas.

Ao nível da Manipulação, a consecução de aulas de G1 e de G2 e o trabalho isolado.

Relativamente ao nível da Articulação, destaca-se a colocação em sela, a condução do cavalo e o trabalho em escola.

Por sua vez, no Domínio Psicomotor, o nível mais elevado corresponde à Naturalização onde se insere o objetivo de conduzir um cavalo nos 3 andamentos.

Segundo os objetivos definidos pela Federação Equestre Portuguesa para a consecução da Sela 4, ao nível da Manipulação destaca-se:

1. No passo o deslocar as ancas;
2. No trote o estabilizar o equilíbrio sentado;
3. No galope a capacidade de estabilizar o seu equilíbrio sem os estribos;
4. Nos saltos de obstáculos estabilizar o equilíbrio sobre os estribos ligando saltos isolados;
5. Em terreno variado estabilizar o equilíbrio sobre os estribos nos três andamentos.

Ao nível da Articulação podemos realçar:

1. No passo ter a capacidade de fazer círculos e voltas apertadas para um lado e para o outro;
2. No trote ligar voltas largas para um e o outro lado, executar figuras de picadeiro;
3. No galope, galope sentado e no ritmo, sair a galope do passo para a mão certa, conduzir sobre círculos grandes;
4. Nos saltos de obstáculos pretende-se conduzir ligando saltos;
5. Em terreno variado controlar o andamento e a velocidade e conduzir o cavalo.

No que diz respeito ao Nível Psicomotor, o nível mais elevado proposto para os alunos do quarto ano é a Normalização. Dentro da Normalização deve atender-se ao seguinte:

1. Nos três andamentos o objetivo fundamental é conseguir controlar a velocidade;
2. No galope, além do controlo da velocidade, controlar a antemão (retitude);
3. Nos Saltos de Obstáculos pretende-se controlar o andamento e a velocidade ligando saltos isolados;
4. Em terreno variado o objetivo também passa por conseguir controlar a velocidade nos três andamentos.

Quanto ao Domínio Cognitivo, mais especificamente quanto ao Nível da Compreensão, a preocupação diária com a condição física e psicológica do cavalo são os objetivos que urge alcançar, tal encontra-se preconizado nos objetivos teóricos da Sela 4.

Ainda no âmbito do Domínio Cognitivo, mas agora ao Nível do Conhecimento exige-se:

1. Ter noções de alimentação cavalar;
2. Possuir noção das unidades diárias de alimentação;
3. Saber os acordos de ajudas elementares;
4. Deter noções de mecânica dos andamentos.

O nível seguinte é o da Compreensão, cuja meta é saber o comportamento da sua montada nas cavaliças, no trabalho interior e exterior.

Na aplicação que representa o nível mais elevado, importa conhecer as regras de segurança e aplicá-las em conformidade no dia-a-dia.

Posto isto, e após a análise dos objetivos a atingir segundo a Taxonomia de Bloom nos seus três domínios do saber, obtivemos os objetivos a alcançar pelos alunos do quarto ano (Apêndice D).

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

6.1 Resposta à pergunta de partida da investigação

Para podermos responder à Questão Central importa ter em consideração que esta foi o culminar do trabalho elaborado. Numa primeira fase, respondemos às Questões Derivadas de modo a conseguirmos responder de forma direta, precisa e concisa à Questão Central - “Quais os objetivos a atingir através da Equitação Militar na formação dos futuros Oficiais do Exército e da Guarda Nacional Republicana segundo as perspetivas dos Mestres e Instrutores da Academia Militar?”.

Para podermos dar resposta a esta importante questão é necessário, acima de tudo, perceber que o cavalo faz com que esta instrução seja diferente de todas as outras.

O facto de o cavalo ter tantas e distintas particularidades, nomeadamente, ser um ser vivo com vontade própria, faz com que seja necessário ter sempre presente que, apesar de ser um animal irracional, não segue as nossas vontades de forma célere, obrigando-nos a comandar, sobretudo através de uma linguagem não-verbal. Isto porque, o cavalo tem uma “sensibilidade e memória prodigiosa, representa uma individualidade que não abdica imediatamente e servilmente da sua liberdade e vontade para se submeter ao homem.” (Silva C. , 2001, p. 2).

Por outro lado, deve ser lembrado e reforçado que a Equitação Militar na Academia Militar existe e tem um forte marco e interesse, uma vez que exerce uma função deveras pertinente e, quiçá, única nesta Instituição, eleva um conjunto de valores essenciais à boa formação dos futuros Oficiais dos Quadros Permanentes do Exército e da Guarda Nacional Republicana. A Equitação Militar no Domínio Afetivo exponencia importantíssimos valores como o Autodomínio, a Coragem, a Autoconfiança, o Espírito de Sacrifício, a Humildade, a Responsabilidade, a Coordenação Psicomotora, a Destreza, o Desembaraço, a Capacidade de raciocínio e de reação imediata a novas situações, a Perseverança, o respeito, a Ação de comando, a Liderança, a Assertividade, a Disciplina, a Sensibilidade e Iniciativa.

A forma como deve ser dada a instrução para a consecução dos objetivos do Domínio Psicomotor, segue um conjunto de ensinamentos que auxiliam de forma eficaz e

eficiente a obtenção do pretendido ao nível do Domínio Afetivo, portanto, o Domínio Psicomotor torna-se um meio para atingir um fim, os valores do Domínio Afetivo.

Logo, torna-se pertinente cumprir os seguintes objetivos do Domínio Psicomotor: a Ordem Unida sem arma a cavalo ou com o cavalo à mão, a colocação de forma controlada dos cadetes em situações adversas (incerteza, falta de controlo, risco, medo e insegurança), a colocação em sela, as aulas de G1 e G2, a procura do equilíbrio nos três andamentos, a condução independente do cavalo nos três andamentos, o trabalho de controlo e obediência do cavalo e os objetivos das Selas 2 e 4. Tudo o que se encontra *supra* referido representa, aos olhos dos Mestres e Instrutores que se disponibilizaram a dar o seu contributo nas entrevistas realizadas, o que de mais importante deve ser feito de forma a exponenciar os valores do Domínio Afetivo.

Por último, ao nível do Domínio Cognitivo é essencial que, segundo os entrevistados e em consonância com o REM, até ao final do segundo ano, os Cadetes conheçam as principais características comportamentais do cavalo, as suas necessidades básicas e o que está assente como base teórica segundo a Federação Equestre Portuguesa no nível 2 (Sela 2).

Não obstante, os alunos do quarto ano, neste domínio, devem ter a preocupação de manter os conhecimentos adquiridos no segundo ano, ter a preocupação diária com a condição física e psicológica do animal e o que está definido como base teórica segundo a Federação Equestre Portuguesa no nível 4 (Sela 4).

Tudo o que foi referido anteriormente encontra-se registado em formato síntese numa tabela (Apêndice D), na qual inserimos os objetivos a atingir relacionados com os Domínios e os níveis que são efetivamente atingidos, em conformidade com a observação e acompanhamento de um conjunto de instruções.

6.2 Confirmação dos objetivos do trabalho

No seguimento desta análise, através das questões a que nos propusemos dar resposta, deparamo-nos com a análise documental feita e o estudo das entrevistas. Conseguimos que as fontes documentais e o conteúdo das entrevistas se complementassem e permitissem definir os objetivos a atingir com a EM na AM. Procedemos também à divisão dos objetivos segundo os diferentes Domínios do Saber e, além disto, fomos mais longe e procurámos através da observação das aulas de Equitação definir os Níveis a alcançar nos diferentes Domínios.

Contudo, existe uma ressalva relativamente aos diferentes valores a incutir aos alunos no segundo ano e no quarto ano, uma vez que há valores que, pela sua importância, devem ser desenvolvidos nos dois anos sem qualquer distinção, tais como: a Humildade, a Liderança, a Assertividade, a Sensibilidade e a Iniciativa. Estes devem serem exponeciados, mas não se sabe ao certo em que ano especificamente, logo, podemos observar que existe uma lacuna acerca do momento/ano em que estes valores devem ser incutidos.

Os restantes valores, por sua vez, são incutidos no segundo e quarto anos, com exceção da Responsabilidade e do Respeito, os quais devem apenas cingir-se ao quarto ano, pelo facto de ser atribuído um cavalo que acompanha os alunos ao longo do ano letivo e de se criar, consequentemente, uma ligação ao animal que nos obrigue a fomentar estes mesmos valores.

6.3. Reflexões finais

As reflexões finais implicam necessariamente recuar um pouco atrás no tempo e ter em atenção alguns pormenores que fazem toda a diferença na forma de pensar acerca da EM, pois desde os inícios da civilização que o homem conta com os cavalos como principal força motriz e plataforma de combate.

Assim foi por mais de 2000 anos e somente há cerca de 100 anos se começou a fazer a transição para a mecanização como plataforma de combate.

Acresce ainda que, durante a Segunda Guerra Mundial, o cavalo teve um relevante papel principalmente como força motriz no plano logístico e de transporte tendo, por isso, perdido importância como plataforma de combate convencional, apesar da existência de algumas unidades de combate a cavalo.

Desde 1945 até aos dias de hoje, por diversas ocasiões, verificou-se um pouco por todo o mundo o empenhamento de unidades de combate a cavalo, sobretudo em ações de contra subversão com especial destaque para os Dragões de Angola e em terrenos de difícil progressão para veículos, como sucedeu mais recentemente no Afeganistão por parte de Forças Especiais Americanas.

Apesar de nos últimos 50 anos, os cavalos terem perdido quase toda a importância como plataforma de combate, nada nem ninguém, poderá assegurar que num hipotético futuro carenciado de fontes de energia, nomeadamente de combustíveis fósseis, a importância do cavalo assim como do conhecimento associado não possa voltar a ser

relevante. Pelo que, a transmissão de conhecimento inter-geracional ligado aos cavalos poderá revelar-se essencial e, por isso, a responsabilidade da sua preservação não deve ser alienada.

Assim, mais de 2000 anos de experiência comum não devem ser postos em causa por um passado recente de apenas, aproximadamente 100 anos. É agora, neste preciso momento que pesa a responsabilidade das gerações atuais preservar para bem das gerações vindouras um património de conhecimento, o qual poderá vir a revelar-se determinante num futuro que desconhecemos.

Aliado a toda a importância que o cavalo teve e poderá vir a ter na vida do Homem, é possível verificar ao longo do presente trabalho a importância que o cavalo assume na Academia Militar pela sua especificidade, pela atuação nos três Domínios do Conhecimento e, sobretudo no Domínio Afetivo.

Portanto, a Equitação na Academia Militar, que se rege por ser uma escola de valores, desempenha uma função única e essencial na formação dos futuros Oficiais do Exército e da Guarda Nacional Republicana, uma vez que exponencia valores que devem ser permanentes nos alunos de uma das casas mais nobres de formação em Portugal.

Para que esta análise fosse possível, surgiu a necessidade de abordá-la profundamente, através do conhecimento efetivo de um conjunto de Oficiais previamente referenciados como entendidos na matéria em questão e segundo fontes documentais que tratam o que é ou foi a Equitação na Academia Militar. Deste modo, ficamos consciencializados do quão difícil é definir os objetivos a atingir com a Equitação Militar na Academia Militar segundo a Taxonomia de Bloom, mas que representa a forma mais viável e eficaz de o fazer.

Ficou claramente demonstrada a importância formativa da prática da Equitação na AM, designadamente o seu papel na relação do Oficial de Cavalaria com os carros de combate e seus subordinados na medida (tal como aprendido a cavalo) em que, um Oficial responsável, dedicado e interessado será sempre o último a “descansar”, somente depois de homens e máquinas estarem em perfeito estado de operacionalidade.

Em suma, importa mencionar que a Equitação Militar foi, é e continuará a ser um elemento essencial e imprescindível na formação dos futuros Oficiais, naquilo que são os valores incutidos pela instituição de ensino.

Ademais, a sua particularidade em trabalhar especialmente no Domínio Afetivo, onde cientificamente ainda não são mensuráveis todas as valências e o facto de estar assente no conhecimento tácito, torna a compreensão das coisas ainda mais difíceis,

sobretudo para quem, nunca antes, teve a oportunidade de conhecer e trabalhar com um animal tão nobre.

6.4. Limitações da investigação

A principal limitação a esta investigação foi, sem dúvida, a escassez de material bibliográfico, inclusive a falta de relatórios anuais acerca do que foi lecionado nas aulas de Equitação na Academia Militar.

6.5. Proposta para investigações futuras

Para eventuais investigações futuras propõe-se o seguimento de um estudo científico multidisciplinar (com a colaboração de diversas vertentes médicas nomeadamente neurológicas e motoras, psicólogos, etc.) com a finalidade de determinar cientificamente quais os efeitos psico-motores incutidos com a prática da Equitação.

Propõe-se ainda um estudo acerca do eventual interesse militar na existência de uma unidade operacional a cavalo, nomeadamente em termos de custos comparativamente a outras formas de projeção de forças e eventuais benefícios na sua existência e na sua conjugação com outras forças ou meios, tendo em conta as condições atuais e futuras.

Seria também conveniente o aprofundamento do estudo sobre a necessidade de eventuais alterações, para a otimização dos objetivos a atingir com o ensino da EM na AM.

Por fim, mas não menos importante, sugere-se o estudo da possibilidade de aperfeiçoamento do apoio e seguimento nas Unidades da prática da Equitação, por parte dos Oficiais recém-formados, para a otimização dos objetivos atingidos na AM.

BIBLIOGRAFIA

- Afonso, A., & Gomes, C. d. (2010). *Portugal e a Grande Guerra (1914.1918)*. Matosinhos : Quidnovi.
- Andrade, M. M. (Fevereiro de 1936). Tem a Cavalaria razão de existência? *Proelium*, pp. 35-37.
- ASA. (07 de Março de 2014). *Espirito de sacrificio, dever e trabalho*. Obtido de Correio da Educação: www.correiodaeducacao.asa.pt
- Atayde, L. (Junho de 1994). Achegas para uma reflexão sobre equitação. *Revista do CMEFD*, 17-25.
- Atayde, L. (Abril de 1994). Ao redor do conceito de desbaste. *CMEFD*, 6-10.
- Azeredo, C. d. (20 de Fevereiro de 1951). Sobre o cavalo . *Proelium*, pp. 12-13.
- Borges, A. (2009). *A Equitação: Um Exponencial de Desenvolvimento de Competências de Liderança*. Lisboa: Academia Militar.
- Brandão, M., & Mattei, W. (2006). Fundamentos da Psicologia Do Desporto aplicados ao Hipismo.
- Carvalho, M. A. (1937). *Instrução e Material* . Lisboa: Ministério da Guerra.
- Cervantes, V. (16 de Maio de 2016). *Equisport*. Obtido de Os Randonneurs e o Turismo Equestre: www.equisport.pt
- Costa, J. C. (2007). *Proposta para a Avaliação da Formação Equestre*. Lisboa: Escola Nacional de Equitação.
- Equitação, D. d. (1977). *Curso de Instrutores de Equitação - conhecimentos gerais*. Mafra: Centro Militar de Educação Física, Equitação e Desportos.
- Federação Equestre Portuguesa. (2014). *Regulamento Nacional de Formação de Participantes*. Lisboa: FEP.
- Feijoo, J. P. (2014). Gestão do conhecimento: Ciclo de Nonaka e Takeuchi. *Cranberry Toolbox* (pp. 1-4). Lisboa: Cranberry Associated Business Consultants.
- Ferraz, A. P. (2010). Taxonomia de Blooom: revisão teórica e apresentação das adequações do instrumento para definição de objectivos instrucionais. *Gest. Prod.*, pp. 421-431.
- Filho, R. (2007). *Método de registo de atributos da área afetiva em instruções de Equitação*. Rio de Janeiro: Escola de Equitação do Exército.

- Fortin, M. F. (2003). *O processo de investigação : da concepção à realização* (Vol. 3ª ed.). Loures: Lusociência.
- Freixo, M. J. (2009). *Metodologia científica : fundamentos, métodos e técnicas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- IESM. (2014). *Orientações Metodológicas para a Elaboração de Trabalhos de Investigação*. Lisboa: EMGFA.
- Instituto de Lexicologia e Lexicografia. (2001). *Dicionário de Língua Portuguesa Contemporânea*. Lisboa : Editorial Verbo.
- Jalles, J. M. (1885). *Bibliotheca do Povo e das Escolas - Equitação*. Lisboa: David Corazzi Editor.
- Laureano, J. (2011). *Equitação Militar – Análise das suas missões, estruturas e recursos*. Lisboa: Academia Militar.
- Marconi, M., & Lakatos, E. (2003). *Fundamentos de Metodologia Científica*. São Paulo : Editora Atlas S.A.
- Martins, E., Campos , P., & Costa, M. (2008). *Manual do Formando*. Brança: ISLA de Bragança.
- Melo, S. d. (2005). Porque terá havido tantos cavaleiros que se cobriram de glória? *Revista de Cavalaria 3ª Série, nº 6*.
- Michaels, J. (22 de Junho de 2014). *USA Today*. Obtido de New horsepower for war zones: Special Forces: www.usatoday.com
- Monte, E. (2010). *Manual de Equitação*. São Paulo: Federação Paulista de Hipismo .
- Monteiro, I. G., Teixeira, K. R., & Porto, R. G. (2012). Os Níveis Cognitivos da TAxonomia de Bloom. *Encontro da ANPAD* (pp. 1-16). Rio de Janeiro: ANPAD.
- Oliveira, F. (2015). *A prática da equitação como um exponencial do desenvolvimento das competências de liderança no Ensino Superior: Academia Militar*. Lisboa: Academia Militar.
- Pardal, L., & Correia, E. (1995). *Métodos e Técnicas de Investigação Social*. Porto: Areal.
- Pinto, A. (2003). A Equitação Militar – Uma Perspectiva para o Futuro. *Revista de Cavalaria 3ª Série, nº1*.
- Pinto, L. (2010). *As Unidades a Cavalo na Contra-subversão no Ultramar Português*. Lisboa: Academia Militar.
- Polanyi. (2014). Gestão do Conhecimento: O ciclo de Nonaka e Takeuchi. *Cranberry ToolBox* (pp. 1-4). Lisboa: Canberry Associated Business Consultants.

- Portillo, L. (Março de 2010). *Segunda Guerra Púnica*. Obtido de Historia Universal: www.historiauniversal.com
- Porto Editora. (16 de Maio de 2016). *Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico*. Obtido de Infopedia.
- (1952). Proelium. *Perry da Câmara; Roberto Durão*. Academia Militar, Lisboa.
- Rego, R. (2009). *Manual do formando*. Lisboa: Formação Pedagógica Inicial de Formadores.
- Regulamento de Equitação Militar*. (2015). Lisboa: Exército Português.
- Ribeiro, R. (2005). Equitação Militar no seio do Exército? *Revista de Cavalaria 3ª Série*, nº 6.
- Silva, A. M. (Fevereiro de 2013). Equitação Militar - Análise de modelos de formação de formadores. (D. Silva, Entrevistador)
- Silva, C. (2001). *Redução de Montadas de Instrução no Exército*. Lisboa: Academia Militar.
- Silva, J. (1986). *Moderna Enciclopédia Universal*. Lisboa : Círculo de Leitores.
- SuaPesquisa. (16 de Maio de 2016). *Períodos da História da Grécia Antiga*. Obtido de SuaPesquisa: http://www.suapesquisa.com/grecia/periodos_historia_grecia
- Telles, P. d. (2004). *A taxonomia de Bloom*. São Paulo: DynamicLab Gazette.
- Vieira, S., & Freitas, A. (2007). *O que é Hipismo*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra.
- Vilelas, J. (2009). *Investigação: O processo de construção do conhecimento*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Welimberg, L. S. (21 de Abril de 2012). *A Cavalaria na Segunda Guerra Mundial*. Obtido de DeCavalaria: www.decavalaria.com

ANEXOS

Anexo A - Modelo SECI



Fonte: Polanyi. (2014). Gestão do Conhecimento: O ciclo de Nonaka e Takeuchi *Cranberry ToolBox* (pp. 1-4). Lisboa: Canberry Associated Business Consultants.

Anexo B – Ilustração referente à Equitação na Academia Militar

O QUE SOFRE O «PENEIRENTO»

Desenhos de PERRY DA CÂMARA — Versos de ROBERTO DURÃO

I

*Eis a história dum rapaz
que jurou ser cavaleiro,
nem que p'a isso tivesse
que dar a vida primeiro.*

II

*Lá andou a rebolar
entre pó e ferraduras;
viu as estrelas brilhar
em horas bastante escuras.*

III

*Deu com o esqueleto no chão
e levantou-se outra vez;
a terra foi que nem pão,
mas isso, que mal lhe fez?*

IV

*Como quem tem um problema
passava o dia a pensar,
o seu eterno dilema
era entrar ou não entrar?!*

V

*Dormia aos saltos na cama,
que profunda obcecação!
Até de noite sonhava
que estava na equitação.*

VI

*Cambalhotas, piruetas,
com prazer, tudo sofreu;
derreado das «canelas»
nem mesmo assim esmoreceu.*

22 — PROELIUM



VII

No fim de tanta amargura
e de noites mal passadas,
teve o prémio da loucura
no brilho dumas espadas...



VIII

«Elas, cá ficam guardadas,
o grande Dia chegou!»
Disseram-lhe os camaradas
quando na cama acordou.

IX

Agora sim, já podia
à vontade cavalgar;
ter um cavalo bem seu
e trofeus a conquistar.



X

Mas deu-se uma coisa estranha
que o deixou cheio de dôr:
foram-lhe dar um cavalo
com rodas e com motor!

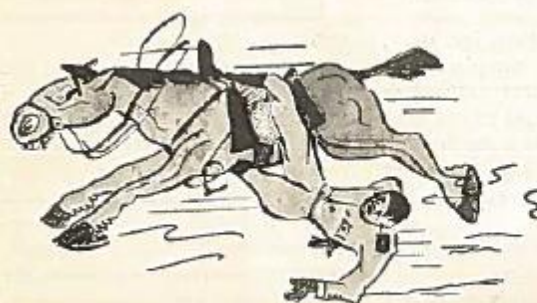


XI

Candidato a cavaleiro
não rebentes de despeito,
eu digo-te só mais isto
para ficares satisfeito:

XII

«O cavalo ainda existe,
é eterno companheiro,
mas mesmo que um dia morra,
nunca morre o Cavaleiro!»



APÊNDICES

Apêndice A - Guião de Entrevista



ACADEMIA MILITAR

Equitação Militar na Academia Militar – Perspetivas dos Mestres e
Instrutores

Entrevista

Autor: Aspirante de Cavalaria Francisco Maria Guimarães Dias Amaral
Teixeira

Orientador: Major Cav Emanuel Umbelino

Lisboa, Março de 2016

Carta de Apresentação

A presente entrevista enquadra-se no âmbito da realização de um Trabalho de Investigação Aplicada decorrente do Mestrado Integrado em Ciências Militares na Especialidade de Cavalaria e cujo tema é “Equitação Militar na Academia Militar – Perspetivas dos Mestres e Instrutores”.

É objetivo desta entrevista recolher dados sobre a sua visão pessoal e profissional acerca da Equitação Militar na Academia Militar, bem como a formação desta disciplina na instituição. Para isso pretende-se fazer uma análise de conteúdo dos dados recolhidos, entrevistando algumas pessoas que, neste momento, estão ligadas diretamente a este assunto e que se consideram detentoras de conhecimento vital para a realização deste trabalho.

O guião que se apresenta tem como finalidade fornecer informações vitais para conseguir definir e responder as diferentes questões a que nos propomos com este trabalho de investigação.

Antes de iniciar a entrevista, solicita-se que o entrevistado faça a sua apresentação e um breve resumo do seu percurso e experiência profissional.

Desta forma, solícito a V. Ex.^a que me conceda esta entrevista como forma de valorizar o presente trabalho, pelo que colocarei à sua disposição a transcrição da mesma bem como os dados resultantes da sua análise, antes da exposição pública do trabalho, se assim o entender.

Grato pela sua colaboração,
Atenciosamente

Francisco Maria Guimarães Dias Amaral Teixeira
Aspirante de Cavalaria

Guião de Entrevista

Nome (entrevistado):

Idade: _____ Posto: _____

Ativo ☐ Reserva ☐ Reforma ☐

Funções Atuais:

Currículo Equestre:

Momento de formação (anos) _____ - _____ Posto: _____

Local de formação: Lisboa ☐ Amadora ☐

Questões:

1ª Pergunta: Para si, e tendo em conta as condições atuais, quais os fatores que se tornam importantes para a formação dos futuros Oficiais do Exército/Guarda Nacional Republicana, que a Equitação Militar concede de forma diferente de todas as outras formas de formação?

2ª Pergunta: Que tipo de formação exercia e o que pretendia atingir com a Equitação Militar na Academia Militar.

3ª Pergunta: Sabendo que a Equitação Militar hoje na Academia Militar tem dois momentos de formação sendo o dado no 2º ano, uma formação geral a todos os cursos, que objetivos se procura atingir com esta formação?

4ª Pergunta: Sendo a equitação do 4º ano como formação curricular restrita aos cursos de cavalaria, o que se pretende que aprendam e que objetivos se podem definir para tal?

5ª Pergunta: De que forma o acompanhamento da Equitação Militar na formação dos futuros Oficiais ao longo dos 4 anos de Academia Militar os pode influenciar?

6ª Pergunta: Quais são as mais-valias que Equitação Militar tem na formação dos futuros Oficiais do Quadro Permanente que mais nenhuma outra forma de formação traz?

Propostas:

Outros:

Duração da Entrevista:_____ Inicial:_____ GDH Final: _____

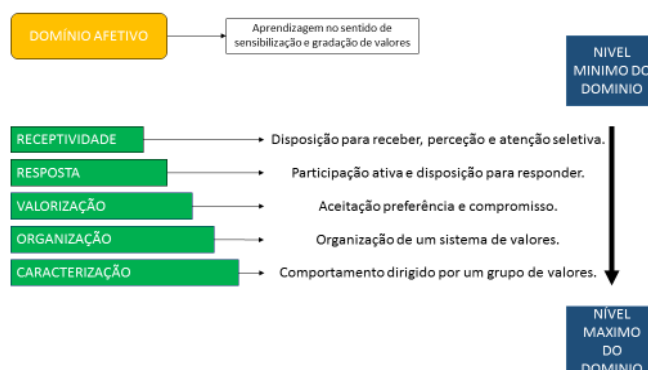
Local da entrevista:_____

Material utilizado: _____

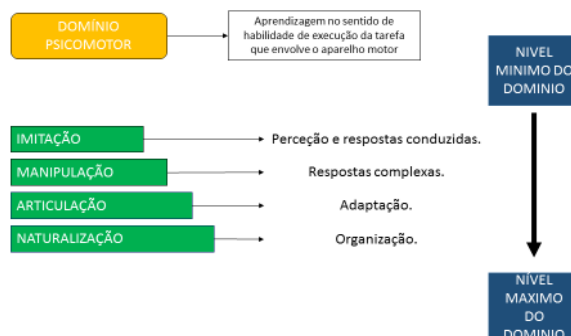
<p>Entrevistado</p> <p>_____</p> <p>_____</p>	<p>Entrevistador</p> <p>_____</p> <p>_____</p>
---	--

Apêndice B - Taxonomia de Bloom – Domínios

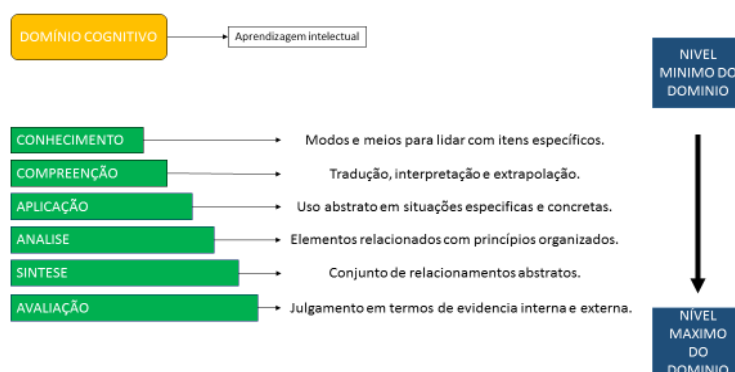
Quadro 1 – Domínio Afetivo²⁷



Quadro 2 – Domínio Psicomotor²⁸



Quadro 3 – Domínio Cognitivo²⁹

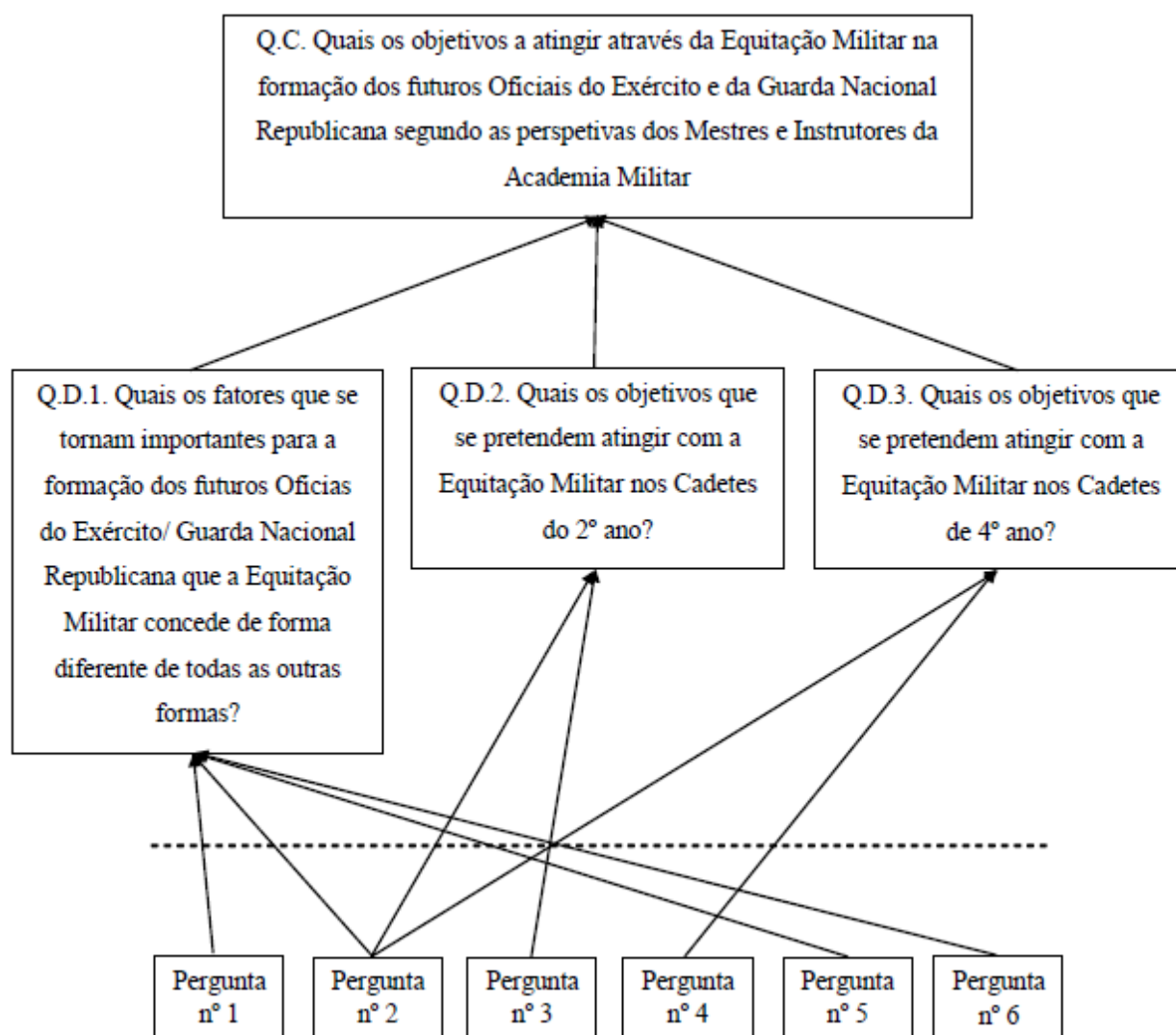


²⁷ Fonte: Elaboração própria

²⁸ Fonte: Elaboração própria

²⁹ Fonte: Elaboração própria

Apêndice C – Estudo Base da Análise das Entrevistas³⁰



³⁰ Fonte: Elaboração própria

Apêndice D - Análise pelo método de observação

Tabela - Aula de Equitação Militar do 2º ano³¹

Objetivo	Domínio Cognitivo						Observações
	Conhecimento	Compreensão	Aplicação	Análise	Síntese	Avaliação	
Saber as principais características comportamentais do cavalo							
Saber as necessidades básicas do cavalo							
Saber abordar um cavalo							
Saber por um cabeção							
Saber conduzir um cavalo a mão							
Saber tirar e por o material do cavalo (aparelhação)							
Saber como se limpa um cavalo							
Saber limpar o material							

Objetivo	Domínio Psicomotor				Observações
	Imitação	Manipulação	Articulação	Naturalização	
Fazer OUN sem arma a cavalo e com o cavalo a mão					
Ter colocação em sela					

³¹ Fonte: Elaboração própria

Conduzir um cavalo nos 3 andamentos					
Ter capacidade de se aguentar em cima de um cavalo à guia ou sozinho					
Fazer aulas de G1 e G2					
Ultrapassar situações adversas (Incerteza, falta de controlo, risco, medo e insegurança)					
Estabilizar o equilíbrio sentado					Sela 2 - Passo
Mudar de andamento à-vontade					
Conduzir com segurança o cavalo					
Procurar o equilíbrio sentado					Sela 2 - Trote
Procurar o equilíbrio em trote levantado					
Mudar de andamento					
Conduzir com segurança o cavalo					
Fazer círculos largos					
Procurar o equilíbrio sobre os estribos					Sela 2 - Galope
Descobrir o equilíbrio sentado					
Mudar de andamento					
Manter o galope					
Procurar o equilíbrio sobre os estribos em cima de cavaletes					

	Domínio Afetivo				
Objetivo	Recetividade	Resposta	Valorização	Caracterização	Observações
Desembaraço físico					
Coragem					
Autodomínio					
Autoconfiança					
Espírito de Sacrifício					
Capacidade de raciocínio					
Destreza					
Disciplina					
Autoestima					
Capacidade de decisão					

Observações:

Foram assistidas as aulas dos dias 24,29,30,31 de Maio de 2016 com um total de 57 alunos.

Tabela - Aula de Equitação Militar do 4º ano ³²

Objetivo	Domínio Cognitivo						Observações
	Conhecimento	Compreensão	Aplicação	Análise	Síntese	Avaliação	
Preocupação diária - condição física e psicológica do cavalo							Sela 4 - Teoria
Noções de Alimentação							
Noções de unidades diárias de alimentação							
Saber o comportamento da sua montada nas cavalariças, no trabalho interior e exterior							
Saber as regras de segurança							
Saber o acordo de ajudas elementares							
Noções de mecânica dos andamentos							

Objetivo	Domínio Psicomotor				Observações
	Imitação	Manipulação	Articulação	Naturalização	
Fazer OUN sem arma a cavalo e com o cavalo a mão					
Ter colocação em sela					
Conduzir um cavalo nos 3 andamentos					
Fazer aulas de G1 e G2					

³² Fonte: Elaboração própria

Ultrapassar situações adversas (Incerteza, falta de controlo, risco, medo e insegurança)					
Procurar o controlo e obediência do cavalo					
Conseguir ter postura e eficácia no emprego de ajudas					
Conseguir trabalhar em escola					
Conseguir trabalhar isolado					
Controlar a velocidade					Sela 4 - Passo
Deslocar as ancas					
Fazer círculos e voltas apertadas para um e outro lado					
Estabilizar o equilíbrio sentado					Sela 4 - Trote
Estabilizar o equilíbrio em trote levantado mudando de direção e variando a velocidade					
Controlar a velocidade					
Ligar voltas largas para um e outro lado					
Executar figuras de picadeiro					
Estabilizar o seu equilíbrio sem os estribos					Sela 4 - Galope
Galopar sentado no ritmo					
Sair a galope do passo para a mão certa					
Controlar a velocidade					
Conduzir sobre círculos grandes					
Controlar a antemão (retitude)					
Estabilizar o equilíbrio sobre os estribos, ligando saltos isolados					Sela 4 –

Controlar o andamento e a velocidade ligando saltos isolados					Saltos de Obstáculos
Conduzir ligando saltos					
Estabilizar o equilíbrio sobre os estribos em terreno variado					Sela 4 – Terreno Variado
Controlar o andamento e a velocidade					
Conduzir					

Domínio Afetivo					
Objetivo	Recetividade	Resposta	Valorização	Caracterização	Observações
Desembaraço físico					
Coragem					
Autodomínio					
Autoconfiança					
Espírito de Sacrifício					
Capacidade de raciocínio					
Destreza					
Disciplina					
Autoestima					
Capacidade de decisão					
Gosto pela prática da Equitação					
Preservação do conhecimento EqMil					

Observações: Foram assistidas as aulas dos dias 25,29,30,31 de Maio de 2016 com um total de 15 alunos.

Apêndice E – Quadro de análise da Pergunta n.º 1

Quadro n.º 4 - Análise da pergunta n.º 1³³

Entrevistado	Argumentação
FT01	“...o cavalo sendo um ser vivo leva-nos a ter uma atitude diferente da que temos perante uma raquete ou perante uma pistola...”
FT02	<p>“...é aconselhável para jovens no sentido em que os responsabiliza, lhes dá um contacto com os animais...”</p> <p>“...reforça as qualidades que têm que ver com coragem, com o sangue frio...”</p> <p>“...quando falamos na Academia, nos futuros Oficiais, essas qualidades são exacerbadas, porque as qualidades que falei e outras que existem são essências para os oficiais e não só de cavalaria...”</p> <p>“...a verdade é que nós temos uma historia e mais não seja por esse motivo, devemos manter essa historia e essa parte da tradição...”</p> <p>“...depois de uns anos de terem instrução de equitação as pessoas não são iguais, as pessoas são realmente diferentes, porque foram colocadas em situações que as obrigaram a ser diferente.”</p> <p>“...o cavalo tirando raras exceções, vai configurar-se como um fator de stress natural, com os alunos, e eu aqui só vou falar dos alunos da Academia, faz com que estes confrontem diariamente com um Ser que é sensível aos seus próprios medos e que é volátil, quer dizer, as suas reações podem ser mais ou menos previstas são impossíveis de controlar a 100%.”</p> <p>“Esta sensibilidade que existe com os cavalos, se passarmos isto para as pessoas, e se passarmos isto para um Oficial do Exército ou da Guarda Nacional Republicana, quando se trata de pessoas, podemos ter traços similares. Há situações que quando se lida com pessoas sobe condições de stress em que a nossa disponibilidade física a maneira como nós falamos ou agimos, pode potenciar nos outros situações de acalmia ou despoletar emoções violentas, portanto este controle emocional, que se ganha no lidar com o cavalos. Não tenho sombra de dúvidas que vai potenciar outras situações quando se lidar com pessoas.”</p>
FT03	<p>“...há vantagens inerentes da conjugação destes dois seres vivos, sendo ele, o desembaraço, tanto falado, porque obriga-nos a estar à-vontade, a termos desembaraço físico e mental para fazermos as mais variadas coisas.”</p> <p>“Logo no início, uma coisa tão simples como chegar ao pé do cavalo, que nem todos os alunos, nem todas as pessoas o fazem da mesma maneira, com a mesma descontração e à-vontade permite-nos ver muita coisa.”</p> <p>“...desembaraço, mais mental do que físico de cair, levantar e voltar a montar.”</p> <p>“...desembaraço, descontração, disponibilidade, força de vontade, rapidez de raciocínio (que nos obriga a pensar e decidir, bem ou mal, mas numa fração de segundos porque senão o momento já passou e isto acontece permanentemente, porque basta o cavalo dar um passo e aquilo que nos pensamos já passou, tanto o momento, o local como a altura, ambiente) e a tenacidade (tem que ver com cair e voltar a montar, o fazer um exercício que esta a correr mal</p>

³³ Fonte: Elaboração própria.

	<p>e levar o cavalo a fazê-lo da forma como eu quero, seja um obstáculo que não corre bem a primeira, onde vamos procurar melhorar, sendo um processo sempre em evolução).”</p> <p>“...vantagens para os futuros comandantes. Obriga-nos a adaptar-nos em permanência, a nossa maneira de lidar com os outros, com o cavalo, com o camarada do lado, seja com os superiores. Não há cavalos iguais, não há pessoas iguais, temos sempre que ajustar nos, de maneira a conseguir liderar, comandar liderando, temos que levar os outros a fazer o que nós queremos pela sua vontade própria, e aí sim estamos a liderar.”</p>
FT04	<p>“A Equitação na Academia Militar não devia ser só para os Alunos de Cavalaria mas devia sim ser para todos os Oficiais, Aspirantes a Oficiais, a todos os alunos da Academia Militar...”</p> <p>“...concede ao Oficial características que mais nenhum outro desporto dá, nomeadamente coragem, decisões rápidas, à-vontade e sobretudo uma postura humilde que muitas vezes nos faz falta...”</p>
FT05	<p>“...vale a pena não só no aspeto físico, destreza física pois o futuro oficial do exército...”</p> <p>“...o cavalo dá-nos a possibilidade de como instrutores e como mestres de termos nos futuros oficiais algumas qualidades que muito dificilmente conseguíamos inculcar de outra forma, são qualidades morais anímicas, que é muito difícil outro tipo de modalidade inculcar...”</p> <p>“O cavalo quando tem alguém lá em cima que não o comanda sente imediatamente e tem reações estranhas, portanto também é uma das características, que nos dá a possibilidade de inculcar no futuro Oficial essa qualidade de comando, de quem decide, mas depois tem de ter o discernimento e equilíbrio suficiente para ver quais são os problemas a resolver. Uma coisa é mandar outra coisa é comandar. Por exemplo se queremos resolver um problema do cavalo só a chibatada não dá, assim como quando somos comandantes de homens, se queremos resolver os problemas à conta das porradas, é capaz de também dar mau resultado, tem de haver um misto, um equilíbrio e o cavalo permite-nos isso, equilibrar as nossas vontades e as nossas decisões.”</p> <p>“...por exemplo, quando saltamos, se estamos a fazer um exercício qualquer e caímos, temos de ter a capacidade de nos levantarmos e fazer aquilo que realmente queremos fazer e o cavalo permite-nos isso, e na nossa carreira vamos ter inúmeras situações em que, quer seja em missões, exercícios e mesmo no dia a dia em que as coisas nos correm mal e vamos ao chão e não podemos perder a vontade, e o cavalo ensinamos isso, uma aprendizagem dessa forma de viver. Normal acontece isso em todas as profissões, e nós temos uma situação mais complicada porque quando corre mal e vamos ao fundo levamos mais um conjunto de pessoas que dependem de nós, mais uma razão para termos a capacidade de cair, levantar e prosseguir e continuar a comandar. O cavalo é um excelente meio para inculcar isso.”</p>
FT06	<p>“É a única prática desportiva em que estão em contacto direto dois seres vivos, esses com vontades próprias, um mais inteligente que o outro...”</p> <p>“...melhora as capacidades físicas e anímicas, que são psicomotoras que por sua vez são físicas e mentais.”</p> <p>“Temos que pensar que estamos em cima de um animal que por sua vez é mais potente em termos musculares, de energia, do que o quem está lá em cima, e aí é que está a diferença para outros desportos, sobretudo ao nível psicomotor.”</p> <p>“...a Equitação ajuda a coordenação motora, ao autocontrolo, aumenta as capacidades de reação, e essa é a mais-valia da Equitação.”</p>
FT07	<p>“Na Academia Militar a Equitação serve para a formação de carácter...”</p>

	<p>“Não nos cingimos só à instrução da Equitação, atá porque existem dois tipos de instrução de Equitação, a Equitação geral, dada ao segundo ano, antigamente ao primeiro, antes do processo de Bolonha, e depois a instrução de Equitação propriamente dita aos alunos de Cavalaria...”</p> <p>“Equitação do segundo ano é uma Equitação que tem como objetivos não só a colocação em cela, o montar a cavalo, mas a cima de tudo o desembaraço, a coragem, o gosto pelo risco.”</p> <p>“Temos objetivos definidos, os alunos do segundo ano tem de ser desembaraçados e autónomos em cima do cavalo, os do quarto ano tem de ir a semana equestre. A nossa instrução cá dentro, tem como objetivo o desembaraço físico e psicológico, lá fora tem como objetivo a manutenção comercial da coisa.”</p>
FT08	<p>“A Equitação continua a dar uma grande ajudar na formação dos futuros Oficiais no que diz respeito a valores, a carácter, para além de questões como o conseguirmos ultrapassar os nossos medos perante situações de desconforto...”</p> <p>“A Equitação ensina acima de tudo liderança, conseguindo levar um animal que é muito mais forte que nós a fazer o que queremos com uma linguagem muito própria, uma linguagem que não é a humana, é uma linguagem não-verbal, através de sensações que transmitimos ao cavalo, através do nosso corpo, pernas, mãos, peso do corpo, a nossa voz.”</p> <p>“...ensina-nos a ser assertivos, e isso nas nossas relações humanas temos que ser cada vez mais porque nos militares comandantes, vamos ser gestores de grupos, pessoas e temos de ser assertivos...”</p> <p>“...formarem-nos como seres humanos, como pessoas, o melhor o nosso relacionamento com os outros, como líderes e sermos assertivos, desenvolvendo as nossas capacidades de liderança e assertividade de comunicação com os outros e esta aprendizagem do cuidado que devemos ter com o que depende de nós.”</p>

Apêndice F – Quadro de análise da Pergunta n.º 2

Quadro n.º 5 – Análise da pergunta n.º 2³⁴

Entrevistado	Argumentação
FT01	<p>“...eu tinha como principal objetivo era ter o maior número de alunos a quererem montar a cavalo, a gostarem de equitação...”</p> <p>Antigamente “...era muito baseada no desembaraço e não havia o objetivo de ensinar para cativar, e cativar ensinando...”</p> <p>“...Eu acho que deve de ser precisamente o inverso, ensinar, trazendo o desembaraço e tudo o que poder vir a volta da equitação mas cativando “sócios”, cativando alunos que se calhar nem gostavam de cavalos, e passaram a gostar...”</p> <p>“...não só por o aluno em cima do cavalo e conseguir que ele seja desembaraçado de forma a não cair ou cair o menos possível e isso é pouco, realmente a equitação custa muito dinheiro para tão pouco...”</p> <p>“...portanto ensinar a montar a cavalo é o mínimo que se pode pedir, só desembaraço acho que é pouco...”</p>
FT02	<p>“...primeiro colocá-los a cavalo, conseguir todos aqueles objetivos que conhecemos para que o aluno depois possa estar a cavalo de forma descontraída, seja a nível físico, seja a nível psicológico, portanto descontraído, e que possa estar ligado ao movimento e ser sensível a aquilo que o cavalo vai transmitindo.”</p> <p>“Outro objetivo era que os alunos de facto auto-disciplinassem, e que procurassem a disciplina no seu próprio cavalo como forma de manter uma aula, manter a própria segurança, cavalo e cavaleiro...”</p> <p>“Portanto no dia-a-dia da Academia, eu creio que os alunos se conseguirem estar a vontade para perceber que estando descontraídos, a reação seguinte do cavalo seria uma melhoria da própria descontração teria reflexos na melhoria dos andamentos, maior facilidade para o aluno em estar ligado ao movimento...”</p> <p>“...esta valorização que existe em termos de autoestima do aluno, estes níveis de confiança que conseguimos com a equitação aumentar, são de tal forma positivos que se forem levados ao longo da sua vida para outros fatores, que tenham a ver com o armamento, que ver com o relacionamento com as pessoas, com a parte física, tudo isto vai potenciamos para perceberem que os limites que nós traçamos no início para a atividade são completamente postos de parte quando conseguimos uma atitude séria e responsável perante as coisas.”</p>
FT03	<p>“...o que interessa é aproveitar o máximo possível a praticar porque é uma arte que se melhora praticando e não através de ler ou estudar, sendo que também há muita teoria, sendo esta nesta fase só utilizada como complemento.”</p>
FT04	<p>“...criar o sentimento de à-vontade, coragem e de fornecer aos meus alunos os princípios básicos de equitação, queria que eles soubessem o mínimo a base, desde aparelhar o cavalo a limpar o cavalo, ao maneio, trata de uma cama, olhar para um cavalo e a primeira vista ver se o cavalo é saudável, se há características que uma pessoa veja que não esta bem.”</p>

³⁴ Fonte: Elaboração própria.

	<p>“Antigamente era uma coisa horrível, o professor só se interessava com a destreza e com a coragem, que eu nem acho que seja coragem, mas com a destreza dos alunos.”</p>
FT05	<p>“Aquilo que pretendia inculcar nos alunos, que não eram só de Cavalaria, tinha também pessoal de outras armas e serviços, sempre tentei abrir o máximo a Equitação para todos porque acho que é através do cavalo e das características que acabei de enumerar que nós conseguimos inculcar nos cadetes valores que mais nenhum outro desporto consegue, portanto foi isso que eu tentei, por um lado destreza física por outro transforma-los mais preocupados com o cavalo, só montar mas também a tratar do animal, que é muito importante.”</p> <p>“Isto está relacionado com outras coisas que também é importante que é a nossa ligação aos carros de combate e as viaturas blindadas...”</p>
FT06	<p>“Um grande objetivo que tinha na altura, mais do que por a malta a saltar, ou a fazer isto ou aquilo, para mim um grande passo depois de eles estarem em sela, era trazê-los para a rua, para que as próprias condições, o facto de os cavalos estarem na rua, tínhamos condições que dentro do picadeiro não apareciam, faltavam as 4 paredes, aparecia o vento, e portanto havia sempre aquela cavadela, que até podia ser provocada pelo instrutor à frente, no sentido de criar situações de alguma forma conturbadas, mas controladas, para não haver acidentes desnecessários.”</p> <p>“O grande objetivo no primeiro ano era conseguir dar as lições cá fora, fosse passando obstáculos, fosse em escola, tentar destroçar a escola e cada um por si, seja a conseguirem fazer as figuras básicas do picadeiro...”</p>
FT07	<p>“...aos alunos do segundo ano tento os por a cavalo, respeitando os princípios da colocação em sela, desenvolvendo a confiança, procurando que eles tenham o máximo equilíbrio possível, liberdade de movimentos, para em equilíbrio, tentarem ficar sólidos, e tudo isto vai dar a ligação ao movimento do cavalo, tudo isto vai quando já corre bem, vai-nos dar a oportunidade de criar fatores de risco, para ver as respostas que eles nos podem dar e a eles próprios.”</p>
FT08	<p>“...temos de dar tempo aos cadetes para perceberem realmente o que é a Equitação, o que é colocação em sela, como devem montar para estarem melhor a cavalo, para poderem acompanhar os movimentos do cavalo e isso foi uma coisa que não era feito.”</p> <p>“...dar mais Equitação, ter mais segurança, e só depois sim trabalhar em escola...”</p> <p>“...é importante que as metodologias de ensino da Equitação na Academia tivesses mudado e do que sei mudaram bastante para melhor porque as coisas tem de evoluir e por vezes temos de olhar para o meio civil para perceber isso.”</p> <p>“...esta parte também é fundamental, a da loucura, toda a gente tem medo e com equitação conseguimos perceber que é possível ultrapassar os nossos medos.”</p>

Apêndice G – Quadro de análise da Pergunta n.º 3

Quadro n.º 6 – Análise da pergunta n.º 3³⁵

Entrevistado	Argumentação
FT01	“...no final do segundo ano, um aluno que esteja o melhor possível a cavalo e que seja capaz de conduzir um cavalo, isto é, temos que o formar e melhorar em termos de colocação em sela e em termos de ensino elementar, ser capaz de estar em termos de colocação em sela como dizemos na teoria, em equilíbrio, solidez, à-vontade e ligação ao movimento...”
FT02	“...colocar todos os cadetes perante a incerteza, perante o risco mas também elevar lhes a autoestima, a confiança, a capacidade de raciocínio, a disciplina, o espírito de sacrifício...” “O importante é que durante a Academia, tenham uma fase privilegiada da formação e possam experimentar esta atividade para tirarem daí os melhores benefícios.”
FT03	“...a Equitação Militar existente hoje em dia no segundo ano da Academia Militar, complementar a nossa formação como pessoas e como futuros oficiais.” “...patei a minha conduta muito por isso, levar a que os alunos a cima de tudo tenham gosto pela equitação, que não fiquem adversos a equitação, que gostem e que percebam os objetivos que se pretende atingir. Assim depois temos que explicar estes tempos de formação porque se não forem explicadas os alunos não percebem o porque da utilização dessas aulas.” “...As aulas tem que ser aulas com características especiais e os alunos tem que obrigatoriamente perder um bocadinho o controlo dos cavalos e da própria aula. É um bocado de confusão (as aulas) para obriga-nos a ir buscar ao fundo de nós as características que lá estão escondidas, que numa aula de equitação de centro hípico não se vai buscar. Não há uma aula com essas mesmas características como se pretende na Academia Militar no mundo civil.”
FT04	“...equitação for bem dada, se for dada com cabeça, tronco e membros, sem ser a bruta acho que é uma mais-valia de formação por tudo o que disse, porque não há duvida nenhuma que o cavalo ensina-nos muito, não só nos obriga a ser humildes, porque o cavalo está sempre a ensinar-nos. Quando pensamos que sabemos tudo sobre equitação, aparece-nos um cavalo que nos diz “você não sabe nada disto” e obriga-nos enquanto Oficiais a estar sempre atualizados, que também é uma boa característica de um Oficial, além de nos revelar momentos em que temos que vencer os nossos medos...” “...por vezes apanhamos grandes sustos em cima do cavalo mas sobretudo a confiança que nos dá, à-vontade e o hábito de tomar ações rápidas porque não nos podemos esquecer que estamos a montar um cavalo, um ser vivo, que tem reações que não estamos à espera, e temos de tomar decisões rápidas, e acho que isto deve contribuir para uma boa formação de um oficial em qualquer área, em qualquer altura.”
FT05	“Uma iniciação com volteio para dar uma certa destreza aos cadetes e depois começar aprender as coisas básicas da equitação, ligar-se ao movimento, compreender as dificuldades do cavalo, fundamentalmente isso.” “...são tantas as coisas que se consegue inculcar através do uso do cavalo no futuro Oficial do Exército que passa a ser uma ferramenta essencial e que deve ser por isso usada e o mais cedo

³⁵ Fonte: Elaboração própria.

	possível, além de que em vez de ser no segundo ano devia ser no primeiro ano porque assim passava a ser uma formação básica.”
FT06	<p>“...têm de ser dados com algum cuidado e até criatividade, para a continuidade da equitação no Exército, porque é uma coisa que a malta não tem presente, é o facto de existência da LAC.”</p> <p>“Acho sempre bem que se mantenham algumas coisas, tem de haver dificuldade, risco, situações com mais embaraço, por exemplo, volteio com arreio é importante mas só dois dias, para a malta calçar os pés nos estribos e perceber que tem de dividir o peso entre os estribos. Outra modalidade que nós tínhamos, porque havia 8 ou 9 cilhões, era experimentar com os cavalos mais sossegados com cilhão de volteio e andavam a volta, sempre entalados entre o chicote e a parede. Foi uma experiencia muito proveitosa e efetivamente mesmo em volteio despachava logo 7 ou 8 de uma só vez.”</p>
FT08	<p>“Não concordo com o facto de só se começar no 2º ano porque isto é um retrocesso enorme, devia ser no 1º ano para dar hipótese a quem quer continuar nos quatro anos da Academia o fazer.”</p>

Apêndice H – Quadro de análise da Pergunta n.º 4

Quadro n.º 7 – Análise da pergunta n.º 4³⁶

Entrevistado	Argumentação
FT01	“...Consolidar tudo o que demos até ao segundo, consolidar e melhorar e avançar um nível um bocadinho a cima de maneira a que se termine no quarto ano com um objetivo, o que falamos a bocado que é o de fazer a sela quatro...”
FT02	<p>“...o grande objetivo desta formação será maximizar tudo o que conseguiu aprender na formação geral seja em termos do dia-a-dia, seja também na parte desportiva pois os alunos começam aí a ter uma outra à-vontade que nos leva a traçar outros objetivos a nível desportivo.”</p> <p>“...maximizar das qualidades, seja em termos físicos, seja em termos psíquicos são vantagens de facto enormes ao ponto de no quarto ano os alunos já tem uma maturidade em termos físicos e mentais que nos permite puxar ao máximo e conseguirmos resultados positivos, portanto é importante esta formação que não trás objetivos nenhuns em especial, mas sim especial sermos mais exigentes e ambiciosos.”</p>
FT03	<p>“...nunca por de parte os objetivos do segundo ano que estão presentes em toda a equitação militar...”</p> <p>“...melhorar o que foi dado no segundo ano em que os alunos foram ensinados a controlar basicamente o cavalo, a manter o equilíbrio e a ligação ao movimento nos três andamentos (passo, trote e o galope). Serem capazes de desenhar figuras simples de picadeiro, tanto no interior como no exterior.”</p> <p>“...a partir daí continuar ou iniciar uma parte desportiva levando a que os alunos sejam capazes de transpor obstáculos, montar em estribos compridos, como em estribos curtos, que tenham gosto e que percebam que os cavalos são animais, não são máquinas e precisam de um acompanhamento permanente e que isso exige do cavaleiro um esforço maior do que senão montasse a cavalo.”</p>
FT04	“Se formos pôr a Equitação Militar, como eu acho que é o correto, nos quatro anos, nos cursos de Cavalaria os alunos da Academia devem sair com um nível de conhecimento da sela 4...”
FT05	<p>“Pretende-se que sejam homens de cavalos, saibam montar, limpar, aparelhar um cavalo e que saibam os básicos da Equitação Militar, não queremos Instrutores nem Mestres de Equitação, nem grandes cavaleiros de obstáculos...”</p> <p>“São bases para poder decidir, se um dia querem uma carreira mais ligada aos cavalos e de certa forma dar as qualidades básicas dos cavaleiros. É por isso que somos cavaleiros, por estar ligados ao cavalo e a forma de estar e de ser.”</p>
FT07	“Pretende-se no quarto ano desenvolver ao máximo a “Arte Equestre” não deixando a parte psicológica militar de lado mas tentando dar o máximo de ferramentas possíveis para ficarem autónomos quando forem Oficiais.”
FT08	“Também não concordo a cavalaria, é de onde virão os especialistas, em princípio da equitação, mas havia de ser abrangida por mais alunos, a todos os que quiserem. Os objetivos a

³⁶ Fonte: Elaboração própria.

	<p>atingir aqui são mais relacionados com a parte desportiva, aqui aprende se realmente a montar.”</p> <p>“A equitação como modalidade desportiva como todos os desportos fomenta o desenvolvimento de competências importantes, mas a equitação mais que as outras para além da parte de estar a competir, tenho um cavalo que tenho que apurar todos as qualidades para poder tirar partido das vantagens que ele tem e tenho que criar uma ligação com ele.”</p>
--	---

Apêndice I – Quadro de análise da Pergunta n.º 5

Quadro n.º 8 – Análise da pergunta n.º 5³⁷

Entrevistado	Argumentação
FT01	<p>“...Principalmente os alunos de cavalaria, mas não quer dizer que os outros não possam ser incutidos neste espírito, o cavalo não é um automóvel, em que nos sentamos ao volante, ligamos o motor, damos umas voltas, desligamos o motor e alguém há-de fazer a revisão. O cavalo é um animal, um ser vivo, que nós devemos acompanhar antes, durante e depois do trabalho que fazemos com ele, antes de o montar, durante o trabalho, onde estamos naturalmente ao pé dele e depois de montar, assim o cavalo tem de ter a nossa atenção, e essa atenção não pode ser, dada apenas pelo tratador, tem de ser dada também pelo cavaleiro que o monta...”</p> <p>“...tem de ser incutido aos alunos para que sintam que é mesmo importante. Não é só na academia, é no tirocínio, e depois quando monto sozinho, quando é oficial, e tem o seu cavalo, tem de fazer a mesma coisa por sua própria iniciativa...”</p>
FT02	<p>“...ficamos mais sensíveis para reconhecermos os limites dos outros e sermos benevolentes quando isso acontece e este ensinamento de perceber as nossas fraquezas e dos outros, percebemos que aquilo em que até podemos ser bons há outros eu apresentam fraquezas e o contrario, torna-nos como homens e futuros comandantes, torna-nos mais sensíveis e mais sensatos nas nossas atitudes.”</p> <p>“...mesmo que não queiramos e que não vejamos na equitação pontos positivos a verdade é que é das poucas atividades em que nos colocam em situações de limite e isso dá-nos um conhecimento próprio e uma outra compreensão quando sentimos que outros elementos estão perante situações limites em outras atividades.”</p>
FT03	<p>“...penso que quanto mais horas a cavalo os alunos tiverem melhor conseguimos atingir todos os objetivos falados anteriormente...”</p> <p>“...se se conseguisse abrir o leque da Equitação Militar a mais alunos tanto os alunos iam beneficiar com isto, falado anteriormente, como a própria Equitação Militar iria beneficiar com isso porque poderíamos ter mais pessoas, mais à-vontade para quando terminarem a Academia terem algumas luzes para terem sem comprometer a sua segurança e dos cavalos, poderem trabalhar os cavalos com o mínimo de condições.”</p>
FT05	<p>“Através do cavalo incutimos qualidades morais, anímicas e físicas que permitem ao longo da carreira serem comandantes e cavaleiros, sendo os cavaleiros diferentes dos outros, tendo o culto de neste caso não só do cavalo, mas também do carro de combate e temos de tratar estes o melhor possível.”</p>
FT06	<p>“Havendo essa possibilidade, se os cadetes tiverem gosto e se o corpo de instrutores tiverem disponibilidades e os cavalos aguentando, tem de haver o tal esforço de haver abertura das portas e autorização superior para nos precavermos.”</p>
FT07	<p>“O primeiro ano da Academia Militar, tem as suas características muito próprias de ser o ano de adaptação, mais a equitação, era psicologicamente muito mais stressante. Os alunos do</p>

³⁷ Fonte: Elaboração própria.

	<p>segundo ano já olham para a equitação de outra forma, já não tem o stress da adaptação, por isso olham para a Equitação com mais maturidade e portanto já não sentem tanto stress, que não é mau, agora perdeu se tempo em termos de formação equestre.”</p> <p>“Isto pode influenciar na perspetiva de terem mais tempo para praticar equitação na Academia Militar numa forma mais calma, pode desenvolver a apetência, o gosto pela equitação em si e tentar desenvolver nos alunos a manutenção dessa pratica como Alferes.”</p>
FT08	<p>“A Academia Militar peca um pouco pela Equitação ser tão restrita à Cavalaria...”</p> <p>“...as pessoas das outras armas e serviços via a Equitação como uma coisa dos cavaleiros e eu acho que não deve ser tanto assim, não temos nada a ganhar com isso, esta mentalidade só nos prejudica.”</p> <p>“...os cavaleiros tem de ser mais abertos e conseguir a convencer os outros a montar a cavalo porque não temos nada a ganhar e ter a coisa restrita a cavalaria, só temos a perder, deve ser praticada por toda a gente, quem quiser e quantos mais melhor.”</p>

Apêndice J – Quadro de análise da Pergunta n.º 6

Quadro n.º 9 – Análise da pergunta n.º 6³⁸

Entrevistado	Argumentação
FT01	<p>“...o cavalo é um ser vivo. Aquilo que nos transmite, em termos de humildade, é uma coisa extraordinariamente importante, a humildade que o cavalo nos trás porque muitas vezes, temos a mania que somos capazes de fazer isto e aqúeloutra e se calhar não somos...”</p> <p>“...lições de humildade que nos recebemos e que é o único meio capaz de nos transmitir este sentimento...”</p>
FT02	<p>“Trás vantagens que as outras trazem, é por sua vez uma ferramenta que esta ali muito disponível e que para eu conseguir num cadete coloca-lo sobe situações de limite, stress, cansaço físico, e de cansaço psicológico, como consigo numa sessão de 45 minutos a cavalo, é muito difícil eu consegui-lo fazer com outra atividade...”</p> <p>“...num cavalo eu consigo maximizar porque o cavalo potencia todos estes medos todas estas inseguranças, rigidez física e mental do aluno, então eu tenho ali um potenciador de todas estas características e eu consigo em 45 minutos de facto, se eu quiser, sujeito um aluno a um cansaço físico e mental que não consigo com mais nenhuma formação que esteja a dar no dia-a-dia da academia e daí eu julgar vantajoso, por outro lado é ter em pouco tempo, eu consigo criar no aluno uma mecânica de autodefesa e autodisciplina que me permite ver que nas situações de stress e situações limite o melhor que há a fazer é descontraír e manter a cabeça fria e isto não se consegue tão facilmente com outras atividades.”</p> <p>“Este reflexo positivo e negativo de interação entre as sensações e o que cada ser está a experimentar é muito notório e fácil de obter a nível equestre mais do que outra atividade qualquer. Agora o que se consegue tirar da equitação fora o contacto com o cavalo que é importantíssimo, e que os cavalos ao ser muito sensíveis mesmo sem a pessoa tocar no cavalo são muito sensíveis, tirando esta questão que é a única nos cavalos, que pode estar ligada aos cães as outras atividades conseguem atingir, a questão é, não é tão fácil e não tem reflexo imediato de uma forma tão clara e de imediato como tem com o cavalo a nível equestre.”</p>
FT03	<p>“...a Equitação ajuda ainda a vencer o stress em situações que para nós parecem ser de risco e portanto ajuda-nos a ganhar sangue frio nas nossas tomadas de decisão e enaltece-nos quando atingimos objetivos que para nos pareciam inatingíveis e depois até verificamos que conseguimos faze-los.”</p>
FT04	<p>“Geralmente mesmo montando o mesmo cavalo, o que não acontece na Academia, o que é bom, mas mesmo montando o mesmo cavalo, sendo um ser vivo este tem as suas reações e no dia seguinte podem ser diferentes, o que vai obrigar o cavaleiro a estar sempre atento, rápido nas respostas e sobretudo ser uma pessoa inteligente a montar a cavalo. Cada vez mais, hoje em dia, me convenço que montar a cavalo tem de ser inteligente.”</p>
FT05	<p>“...a instrução de Equitação Militar na Academia Militar é ter a possibilidade de confrontar os cadetes com determinadas situações que os outros desportos não conseguem fazer, o colocarmos perante a situação de perigo que tem de analisar e vencer, o ter de baixo de nos um</p>

³⁸ Fonte: Elaboração própria.

	<p>ser vivo irracional que nós temos de comandar, de perceber que é difícil, isto é o que nos vai acontecer na realidade com um pelotão ou um esquadrão ao longo da vida vamos ter debaixo das nossas ordens muitas pessoas que vão precisar da nossa decisão e nos vamos ter que tomar as melhores decisões e o cavalo ajuda-nos a formar na nossa mente isso.”</p>
FT06	<p>“Julgo que em termos de controlo emocional controlar ao mesmo tempo a si próprio e a outro ser vivo, é a única atividade em que estão em contacto direto dois seres vivos.”</p>
FT07	<p>“O cavalo por si só como animal, é essa mais-valia, porque o cavalo sendo um animal que não é racional, é um animal com vontade própria transmite de uma forma consciente ao aluno se este também estiver a cavalo de forma consciente, dificuldades que ele há-de passar ao longo da vida e que essas mesmo vão exigir dele uma resposta quer física quer psíquica que ele poderá aproveitar na sua vida futura.”</p> <p>“...tem de se fazer conscientemente a análise daquilo que se aprende na Equitação e passar para o dia-a-dia da atividade futura, porque quando tiverem em frente do pelotão os próprios soldados vão-vos estar a testar todos os dias e vocês inconscientemente respondem a vossa maneira, mas se calhar esse inconsciente foi transmitido pelo cavalo, é um automatismo que trás mais-valias ao Oficial, Sargento e a todos os militares do Exército.”</p>
FT08	<p>“Isto ensina muito sobre liderança porque o bom líder não é aquele que manda mas aquele que comanda e nós em relação ao cavalo não mandamos, ele tem mais força que nós, mais medo que nós e tem as suas próprias vontades por isso temos que estar permanentemente a comandar. E nos cavalos temos essa oportunidade única de treinar isto com os Cadetes antes de os levarmos para os quartéis.”</p>